



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

GREIZE ALVES DA SILVA-PORELI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS
NA CIDADE DE PRANCHITA-PR:
UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DO PORTUGUÊS
COM LÍNGUAS EM CONTATO**

**Londrina – Paraná
2010**

Catálogo elaborado por: Núbia Nogueira do Nascimento CRB-2 /1393

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586c Silva-Poreli, Greize Alves da.
Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato. / Greize Alves da Silva-Poreli. - Londrina, PR: UEL, 2010.
114 f.; il.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

1. Crenças-Linguísticas. 2. Atitudes-Linguísticas. 3. Sociolinguística. 4. Pranchita-PR. I. Título. II. Londrina-PR.

CDD 410.09

GREIZE ALVES DA SILVA-PORELI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS
NA CIDADE DE PRANCHITA-PR:
UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DO PORTUGUÊS
COM LÍNGUAS EM CONTATO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina – Paraná
2010

GREIZE ALVES DA SILVA-PORELI

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

NA CIDADE DE PRANCHITA-PR:

UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS

COM LÍNGUAS EM CONTATO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a Dr^a Vandersí Sant'Ana de Castro
Universidade Estadual de Campinas

Prof^a Dr^a Joyce Elaine de Almeida Baronas
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de 2010.

Ao Rodrigo pelo nobre sentimento.
À Idairce (*in memoriam*) pela lembrança inspiradora.
À Juliana pela motivação já esperada.
Ao meu pai pelo sonho e pela crença.

AGRADECIMENTOS

Aos informantes pranchitenses pelas valiosas contribuições e possibilidade de executar este trabalho.

Ao Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos pelas muitas contribuições em meu exame de qualificação, mas, sobretudo, por ter me mostrado os outros vieses da linguística.

À Dr^a Joyce de Almeida Baronas pela contribuição durante minha qualificação e pela disponibilidade em aceitar o convite para fazer parte de minha banca, mesmo em meio às atribulações e compromissos para o encerramento do ano letivo.

Às inquiridoras Juliana Franco Alves, Rejane Hauch Pinto Tristoni e Fabiane Cristina Altino pela disponibilidade e pelo profissionalismo demonstrados frente às entrevistas em Pranchita.

Às minhas amigas e companheiras de longas datas: Vanessa Yida e Eloísa Elena Bárbara Oliveira, com as quais pude contar durante o percurso não apenas acadêmico, mas também pessoal.

De maneira ímpar, agradeço à minha orientadora Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera, pelos seis anos de amizade e aprendizado durante os mais de 10.000 quilômetros rodados ao longo da empreitada sociolinguística realizada nos quatro cantos do Brasil.

Agradeço-a, sobremaneira, porque sei que, nos percalços, não apenas da Sociolinguística, mas também da vida, o Criador nos envia pessoas especiais para nos servir de guia e de *cirineu*, com a finalidade de tornar o percurso menos árduo. Durante este percurso, pude contar com alguém que posso chamar de Orientadora.

“Penso freqüentemente na minha experiência dialetológica e encontro nela motivos para prosseguir – e animar outros a prosseguir. Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres. Diversos como os cenários em que se situavam, contavam-me histórias, diversas também. Ao fim de dois ou três dias, sentíamos-nos por vezes verdadeiros amigos, quase irmãos. Eu não tinha podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde, mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialetologia me tinha posto em contato. Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo de estudos para que a vida me conduziu.”

Lindley Cintra (1995, p. 9)

SILVA-PORELI, Greize Alves da. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR**: um estudo das relações do português com línguas em contato. 2010. 114p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar crenças e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Pranchita, sudoeste do Paraná. As principais bases do trabalho são entrevistas realizadas *in loco* pelo método direto de análise (questionários) sob o ponto de vista da sociolinguística e da psicologia social. Pretende-se descrever as possíveis crenças e atitudes a respeito da língua portuguesa e as demais variedades étnicas presentes na localidade (italianos, alemães, poloneses e espanhóis). É também intenção, aqui, verificar quais as crenças dos pranchitenses sobre a Argentina, país fronteiriço, no que se refere à língua espanhola. Dessa forma, avalia-se a consciência linguística dos informantes e como se posicionam em relação aos vários falares com os quais mantêm contato.

Palavras-chave: Crenças e Atitudes; Línguas em Contato; Consciência Linguística.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. **Linguistic beliefs and attitudes of Pranchita city's speakers**: a study of relationships of Portuguese Language with contact languages. 2010. 114p. Dissertation (Master in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to analyze the linguistic beliefs and attitudes of Pranchita city's speakers, southwest of Parana State. The main bases of the work are *in loco* interviews conducted by the direct method of analysis (questionnaires) from sociolinguistic and social psychology point of view. It is intended to describe the possible beliefs and attitudes about the Portuguese language and other ethnic varieties present in the locality (Italians, Germans, Polishes and Spanishes). It is also objective, here, to verify what the inhabitants' beliefs on the frontier country, Argentina, with regard to Spanish language. Thus, we assess the linguistic consciousness of the informants and how to position themselves in relation to the various dialects of which are in contact.

Keywords: Beliefs and Attitudes; Languages in Contact; Linguistic Consciousness

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização de Pranchita	41
Figura 2 – Principais glebas históricas do sudoeste do Paraná	45
Figura 3 – Constituição do repertório linguístico de Pranchita, questões 01 e 02	56
Figura 4 – Constituição do repertório linguístico de Pranchita, questões 03 e 04	57
Figura 5 – Constituição do repertório linguístico de Pranchita, questões 05 e 06	60
Figura 6 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 11 e 12.....	67
Figura 7 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 14 a 17.....	73
Figura 8 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questão 18.....	76
Figura 9 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 20 e 21.....	77
Figura 10 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 22 e 23.....	82
Figura 11 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 24 e 25.....	84
Figura 12 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questão 26.....	86
Figura 13 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 27 a 31A.....	87
Figura 14 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 32 a 35A.....	90
Figura 15 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 36 e 37	93
Figura 16 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 39 a 42	95
Figura 17 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 43 a 46A.....	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O ESTUDO DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: GÊNESE E FUNDAMENTOS TEÓRICOS	15
2.1	O ESTUDO DAS CRENÇAS E ATITUDES	15
2.1.1	Definição de Crenças.....	15
2.1.2	Definição de Atitudes	17
2.2	PRIMÓRDIOS DOS ESTUDOS E SEUS COMPONENTES	19
2.3	INTER-RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES: MÉTODOS DE ANÁLISE	25
2.4	Os ESTEREÓTIPOS.....	27
2.5	Os ESTUDOS DAS CRENÇAS E ATITUDES NO BRASIL	29
3	A CIDADE DE PRANCHITA	41
3.1	PRECEDENTES HISTÓRICOS	42
3.1.1	A Marcha para o Oeste e a Revolta dos Colonos.....	43
3.2	PRANCHITA E SEUS HABITANTES	46
4	METODOLOGIA: DESVENDANDO OS PASSOS DA PESQUISA	48
4.1	NATUREZA DA PESQUISA	48
4.2	LOCALIDADE E PERFIL DOS INFORMANTES	49
4.3	COLETA DOS DADOS.....	51
4.4	ÉTICA.....	53
4.5	INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	54
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	55
5.1	A CONSTITUIÇÃO DO REPERTÓRIO LINGUÍSTICO DE PRANCHITA-PR.....	55
5.1.1	Análise A.....	55
5.1.2	Análise B.....	60
5.2	CONHECENDO AS CRENÇAS DOS PRANCHITENSES.....	67
5.2.1	Análise A.....	67
5.2.2	Análise B.....	72

5.2.3	Análise C	76
5.2.4	Análise D	82
5.2.5	Análise E.....	84
5.3	DESVENDANDO AS POSSÍVEIS ATITUDES	87
5.3.1	Análise A.....	87
5.3.2	Análise B.....	90
5.3.3	Análise C	92
5.3.4	Análise D	94
5.3.5	Análise E.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS		100
REFERÊNCIAS.....		103
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....		108
APÊNDICE		109
APÊNDICE A – Instrumento de pesquisa utilizado na coleta de dados		110
ANEXOS		112
ANEXO A – Marco da Fronteira Brasil-Argentina.....		113
ANEXO B – Festas Típicas em Pranchita		114

1 INTRODUÇÃO

*Eu amo a minha língua. Mas o que é a minha língua?
Ter uma língua própria como se tem o próprio quarto.
Ter uma língua e que é antes uma língua materna, uma
língua natal.
Língua da mãe, língua dos ancestrais, língua da família?
E as línguas outras, as outras línguas, a língua dos
outros, o outro da língua, e o outro na língua?*¹

Existem, hoje, no mundo, cerca de 5.000 línguas faladas nos mais diversos lugares, o que forneceria o equivalente a quase 30² línguas para cada país. Como a realidade linguística não é homogênea a ponto de delimitar quantas línguas cada localidade poderia falar, uns países possuem mais línguas, outros menos.

O Brasil, oficialmente, é tido como um país monolíngue, tendo o português o *status* de língua oficial e nacional; porém, quando se adentra o seio das pequenas comunidades brasileiras, percebe-se que a realidade não é tão homogênea quanto se supõe.

A partir do século XIX, o Brasil recebeu quase cinco milhões de imigrantes provenientes principalmente da Europa. São estrangeiros das mais variadas etnias: italianos, alemães, poloneses, ucranianos, espanhóis, japoneses, portugueses, árabes, judeus, etc. Ainda hoje, em comunidades, principalmente sulistas, é comum encontrar falantes bilíngues, herança dos imigrantes que tanto auxiliaram o Brasil a crescer agrícola e industrialmente.

Sob o ponto de vista da Sociolinguística, a coexistência de uma ou mais línguas em determinados ambientes se configura como bilinguismo,³ que tanto pode ser por parte do indivíduo como da comunidade na qual o falante está inserido. Essa situação traduz-se, por vezes, em relações conflitivas entre as diferentes etnias presentes em um mesmo espaço, uma vez que a língua traduz a concepção de cultura e de pensamento de seus falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 195).

¹ Régine Robin. Le deuil d'origine. Une langue en trop, la langue en moins. Trad. Silvana Serrani-Infante. p. 231.

² Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), existem 191 países.

³ Para este trabalho, utilizou-se a definição de Moreno Fernández (1998, p. 211), para quem o bilinguismo traduz-se na coexistência de duas ou mais línguas.

A situação de línguas em contato resultante de processos migratórios/imigratórios apresenta a luta de uma comunidade pela manutenção de sua língua ancestral. Todavia, em comunidades cujos falantes são provenientes de processos migratórios, por vezes, o fator identitário *língua* pode atuar de forma distinta em diversos grupos. Como foi atestado por Mauro Penna (2006), o fator migratório, em determinados contextos, opera como *desenraizante* dentro de um grupo, pois o ato de sair da sua terra natal produz, de certa forma, a necessidade de se adequar e de se adaptar à cultura do outro, especialmente quando a relação com a terra de origem foi marcada por exclusões como: “impossibilidade de acesso à terra, a pobreza, a falta de recursos para enfrentar os problemas da natureza” (PENNA, 2006, p. 94).

O migrante/imigrante parte para novos rumos em busca de melhores condições de vida; carrega consigo suas raízes e seus costumes, sua língua, mas nem sempre lhe é possível manter a língua materna devido a inúmeros fatores. Torna-se necessário adaptar-se e aprender os costumes e o falar do outro para se estabelecer como pertencente àquela nova comunidade.

Dentro desse contexto, essas situações conflitivas de línguas em contato dentro da mesma realidade afetam todos os níveis linguísticos, desde o mais superficial ao mais profundo, uma vez que constituem fonte de avaliação, estigmatização, variação e mudança dentro de uma língua (MORENO FERMÁNDEZ, 1998, p. 257).

Weinreich, Labov e Herzov (1968) estabelecem cinco problemas a serem tratados pela Sociolinguística e por uma teoria da variação e mudança atreladas ao contexto social, inclusive situações de línguas em contato, a saber:

- 1) Fatores condicionantes – análise de quais mudanças seriam possíveis na língua;
- 2) Transição – como se dá a mudança;
- 3) Encaixamento – como a mudança está encaixada na língua e fora dela;
- 4) Avaliação – como os membros de uma comunidade avaliam a mudança e como essa avaliação pode influenciar nos processos de variação e mudança;

5) Implementação – como e por que a mudança ocorreu em determinado tempo e espaço.

Neste enfoque, o presente trabalho fundamenta-se no conceito de número quatro proposto por Weinreich, Labov e Herzov (1968), pois se acredita que avaliações negativas ou positivas por parte dos falantes tendem a influenciar no processo de adaptação, variação e mudança linguística. Assim, os referidos autores, na década de 60, chamam a atenção para um novo ramo de estudos denominado *Crenças e Atitudes*, no qual a conduta do falante é analisada de acordo com sentimentos e opiniões sobre sua própria variedade linguística e em relação a outras com as quais mantém contato.

Dessa forma, localidades onde várias línguas são coexistentes apresentam situações peculiares do ponto de vista linguístico. É o caso de Pranchita-PR. Optou-se por Pranchita por se tratar de uma pequena comunidade situada a quatro quilômetros da Argentina e por abrigar, em sua composição, as etnias italiana, alemã e polonesa, além dos argentinos provenientes da fronteira.

Os objetivos da pesquisa são: (i) descrever e analisar possíveis marcadores de crenças e atitudes dos falantes pranchitenses, principalmente no que tange à questão do que pensam e como agem em relação à sua língua ancestral e às demais variedades presentes na localidade; (ii) verificar como os pranchitenses avaliam o idioma do país vizinho, Argentina, e (iii) se há rivalidade entre pranchitenses e argentinos com relação à língua.

Como Pranchita faz fronteira com o país *hispanohablante* Argentina, também faz parte das hipóteses deste trabalho a ideia de que haveria uma crença negativa em relação ao país vizinho e, conseqüentemente, o repúdio ao idioma espanhol; por isso, utiliza-se aqui uma das pedras fundamentais do trabalho de Amâncio (2007) em seu estudo sobre as cidades trigêmeas, Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Yrigoién (AG):

Será que o convívio entre brasileiros e argentinos (grupos historicamente rivais) em uma região de fronteira seca, na qual são obrigados a dividir praticamente o mesmo espaço, é mesmo tão pacífico quanto quer nos fazer crer o discurso oficial corrente na localidade? (AMÂNCIO, 2007, p. 14)

Como forma de desvendar as possíveis crenças e atitudes dos pranchitenses, esta dissertação encontra-se dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *O estudo das Crenças e Atitudes Linguísticas: gênese e fundamentos teóricos*, versa sobre a revisão de conceitos no que tange aos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas. Consta, também, um breve histórico dos principais trabalhos realizados no Brasil sobre o tema.

No segundo capítulo, que se guia com o título de *A cidade de Pranchita*, são apresentados os precedentes históricos da cidade em questão, bem como a formação étnica de seus habitantes.

No terceiro capítulo, *Metodologia: desvendando os passos da pesquisa*, são explicitadas as etapas de preparação, coleta e análise dos dados, assim como a própria natureza da pesquisa.

Para as discussões que envolvem o 4º capítulo, *Descrição e Análise dos dados*, apresentam-se as entrevistas coletadas em Pranchita interpretadas qualitativamente e quantitativamente e de acordo com a bibliografia pertinente ao assunto.

Por fim, com as considerações finais, buscou-se contribuir para a análise e descrição do caráter multidialetal do estado do Paraná.

2 O ESTUDO DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: GÊNESE E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo trata de questões teóricas em relação às crenças e atitudes, iniciando pelas definições dadas por alguns estudiosos que se dedicaram a essa temática. Não se pretende abordar aqui todos os autores que já trabalharam com as crenças e atitudes no âmbito da Psicologia Social e da Sociolinguística, mas enfatizar os principais estudos que auxiliaram na concepção de uma metodologia de análise para a área.

Inicialmente, aborda-se o conceito de crenças e atitudes seguindo o enfoque sociolinguístico e psicossocial. Em um segundo momento, discutem-se os primórdios dos estudos e a formação componencial das crenças e atitudes. Em seguida, analisa-se a questão da dificuldade em obter um método eficaz para medição em crenças e atitudes. Neste ponto, também se apresentam os métodos mais utilizados dentro dos estudos linguísticos. A seguir, adentra-se o terreno dos estereótipos, marcadores sociais importantes para as análises sociolinguísticas. Ao final do capítulo, são apresentados os principais estudos sobre crenças e atitudes em âmbito nacional e sua contribuição para a análise e descrição da variante brasileira.

2.1 O ESTUDO DAS CRENÇAS E ATITUDES

2.1.1 Definição de Crenças

Originária do latim *credentia,ae* 'ação de acreditar', a palavra crença ainda hoje mantém seu significado etimológico: “aquilo ou aquele em que se crê”. Tal sentido remete ao entendimento de que crença indica algo em que se acredita como verdade, mesmo que essa verdade não tenha nenhum valor empírico.

Para o psicólogo social William Lambert (LAMBERT; LAMBERT, 1972), a linha entre as crenças e atitudes é muito tênue e o próprio autor não deixa explícita a diferença entre ambas. Para ele (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78), as crenças são componentes das atitudes, juntamente com os pensamentos, ou seja, está no eixo cognitivo, envolve a memória, o juízo e/ou raciocínio.

Para o psicólogo social Daryl Jay Bem (1973), as crenças também estão no domínio cognitivo, uma vez que envolvem um “conjunto de valores subjacentes” (BEM, 1973, p. 11). Em outras palavras, as crenças são um conjunto de convicções que o indivíduo tem sobre si mesmo (BEM, 1973, p. 12).

O supracitado autor deixa implícito que há certo inatismo no sistema de crenças individual. Para ele, toda crença, mesmo baseada em fatos, carrega em suas composições outras crenças primitivas, oriundas do próprio subconsciente humano, chamada de Crença de Ordem Zero: “elas são os axiomas não-conscientes sobre os quais são erigidas as nossas outras crenças” (BEM, 1973, p. 14).

As crenças de Ordem Zero relatadas por Bem (1973), embora não sejam derivadas do substrato social, dão origem a outras crenças, estas sim oriundas do convívio do indivíduo com o meio. Dessa forma, para o autor, todo o sistema de crenças humano é pautado em pilares silógicos aristotélicos, cujo raciocínio dedutivo é estruturado a partir de duas premissas básicas, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma conclusão. Exemplo:

- a) Fumar causa câncer.
- b) Câncer pode causar morte.
- c) Portanto, fumantes morrem mais jovens do que não fumantes.
(BEM, 1973, p. 22)

O autor acredita que os nossos sentidos estabelecem uma relação de silogia cujas premissas são sempre verdadeiras, o que dá uma conclusão baseada em fatos já consagrados pelo falante.

Santos (1996), em seu trabalho sobre o ensino/aprendizagem de língua portuguesa nas escolas públicas, alerta para o problema de crenças serem entendidas como “uma tendência para resposta”, ou seja, para a atitude, pois,

[...] todo indivíduo pode não somente avaliar um conceito, mas também pode crer ou não na existência dele, ou seja, pode não apenas achar o conceito 'bom' ou 'mau', mas simultaneamente considerá-lo 'existente' ou 'inexistente', 'provável' ou 'improvável', etc. (SANTOS, 1996, p. 10).

A crença, nessa concepção, seria a probabilidade de um conceito, uma tendência a acreditar ou não em determinado objeto.

Para o sociolinguista William Labov (2008), as crenças “são um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176). Pode-se dizer que as crenças são um conjunto de verdades culturais de um grupo social imposta a cada pessoa dessa sociedade.

2.1.2 Definição de Atitudes

Definir o que são as atitudes e em qual domínio do falante elas atuam configura-se como um desafio para os pesquisadores, em decorrência dos vários estudos e definições existentes. Porém, embora as definições se contradigam, para a linguística, foco deste trabalho, é unânime a noção de que a variedade de cada falante sofre influência direta do meio social, o que para Bisinoto (2007) convencionou-se chamar de atitudes (sócio)linguísticas, uma vez que ao lado de toda variedade linguística existem fenômenos de natureza social que afetam tanto o intra quanto o extralinguístico (BISINOTO, 2007, p. 24).

Atitudes pressupõem comportamentos influenciados por uma disposição interior, ou seja, uma maneira de agir em relação a determinadas situações. Todavia, ao realizar um retrospecto teórico acerca do termo, percebe-se que as acepções para atitudes são bem distintas do ponto de vista definitório.

Para os precursores Lambert e Lambert (1972, p. 78), atitudes são “a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento

ocorrido em nosso meio circundante”, ou seja, as atitudes são tanto uma tendência quanto uma reação a uma situação vigente. Destaca-se que as atitudes, para Lambert e Lambert (1972, p. 78) são desenvolvidas em detrimento do meio social, cujas tendências pessoais de cada indivíduo ajustam-se a esse meio, estabelecendo certa regularidade para agir.

Para os autores, as atitudes são formadas pelos seguintes componentes: pensamentos/crenças, sentimentos/emoções e as tendências para reagir. Lambert e Lambert (1972, p. 87) citam que as atitudes humanas são a inter-relação desses componentes, cujo resultado fornece uma maneira particular de pensar e reagir.

Para Oppenheim (apud ALVES, 1979, p. 31), as atitudes não podem ser descritas exclusivamente como uma manifestação, uma reação que surge em decorrência de estímulos. Para ele, as atitudes estão vinculadas ao componente cognitivo, ou seja, são sempre reforçadas pelas crenças do indivíduo, que por seu turno, atraem o componente emocional, que levará a formas determinadas de comportamento. Alves (1979) assim se manifesta em relação à conceituação de Oppenheim:

A atitude é vista como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto. (ALVES, 1979, p. 33)

Esse “enquadramento do objeto” a que alude Oppenheim (apud ALVES, 1979) refere-se a qualquer assunto que compõe o universo do falante; a atitude demonstra as preferências sociais em detrimento de outras. No domínio linguístico, levam o indivíduo a utilizar formas de prestígio em vez de variedades menos prestigiadas na comunidade de fala.

Sobre a relação entre prestígio, língua e atitude, Moreno Fernández (1998) destaca que o falante carrega atitudes valorativas e afetivas em relação ao seu falar, o que demonstra que as atitudes também estão diretamente ligadas ao fator social e, conseqüentemente, à comunidade linguística na qual o falante está inserido.

Assim se refere:

A atitude lingüística é a manifestação da atitude social dos indivíduos distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de 'língua' incluímos qualquer tipo de variedade lingüística: atitudes em relação a estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes. ^[4] (MORENO FERNÁNDEZ, 1998 p. 179-180)

Para este trabalho, adota-se o conceito postulado por Moreno Fernández (1998, p. 180), para quem as atitudes linguísticas “são reflexos de atitudes psicossociais” do falante, uma vez que “as línguas têm um significado ou algumas conotações sociais, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com o status ou as características sociais de seus usuários”. ⁵ Em outras palavras, as atitudes são manifestações concretas das crenças do indivíduo inserido em determinada cultura.

2.2 PRIMÓRDIOS DOS ESTUDOS E SEUS COMPONENTES

O ramo das Crenças e Atitudes surgiu no final da década de 60, no âmbito da Psicologia Social, cujos precursores, os canadenses Wallace e William Lambert, trouxeram como proposta estudar “os indivíduos, examinando-os em seu enquadramento social e cultural”, pois, “o mundo social afeta o comportamento dos indivíduos e influi em seus modos de interação” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 7).

William e Wallace Lambert (1972, p. 12) relatam a dificuldade em medir motivos, atitudes, valores e estilos perceptuais de cada indivíduo. Os autores

⁴ No original: La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de “lengua” incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998 p. 179-180).

⁵ Las actitudes lingüísticas son reflejo de unas actitudes psicossociales, de hechos son actitudes psicossociales [...] las lenguas tienen un significado o unas connotaciones sociales, es natural que sean apreciadas y evaluadas de acuerdo con los estatus o las características sociales de sus usuarios (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

comparam o estudo das atitudes ao trabalho de um físico ao analisar átomos, algo que não pode ser abertamente observado, mas pode ser diretamente medido, uma vez que o pesquisador infere a existência de atitudes a partir da observação externas e pressupõem estados internos nesse indivíduo.

Wallace Lambert (1967) desenvolveu a técnica conhecida como *Matched-Guises* (falsos pares) cujo objetivo é averiguar, por meio da língua, quais as opiniões sobre seus respectivos falantes. Consiste em gravar textos recitados por pessoas bilíngues e expor a gravação para os ouvintes identificarem qual seria a aparência, profissão e status desses sujeitos. São oportunas as palavras do próprio Lambert sobre a técnica:

[...] envolve as reações de ouvintes (referidos como juízes) a gravações de um número de falantes perfeitamente bilíngues lendo uma passagem de dois minutos uma vez em uma de suas línguas (ex.: francês) e, depois, uma tradução equivalente da mesma passagem em sua segunda língua (ex.: inglês). Grupos de juízes são levados a ouvir essas séries de gravações e a avaliar as características da personalidade de cada falante tanto quanto possível, usando pistas de fala apenas. (LAMBERT, 1967, p. 93)

Ainda sobre a metodologia empregada por Lambert, Labov (2008) assim se refere:

A técnica de 'falsos pares' desenvolvida por Lambert (1967) é o instrumento básico agora amplamente utilizado para o estudo das reações subjetivas à linguagem. O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre dialetos, mas se ela fizer dois conjuntos de julgamento de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes de língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações. (LABOV, 2008, p. 176)

Os primeiros trabalhos sobre crenças e atitudes, ainda no âmbito da Psicologia Social, são focados em questões de preconceitos raciais, étnicos e

religiosos, pois, segundo Lambert e Lambert (1972, p. 78): “o preconceito destaca os componentes essenciais que encontramos em todos os tipos de atitudes”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o também psicólogo social Daryl Jay Bem (1973) destaca, em seu estudo, as análises de crenças e atitudes situadas em questões raciais, mais precisamente entre judeus e cristãos, uma vez que, no período compreendido entre as décadas de 50 e 70 do século XX, as questões raciais estavam em voga nos estudos psicológicos estadunidenses.

Vale ressaltar que, nesse primeiro momento de consolidação dos estudos das crenças e atitudes, não existe uma teoria bem delineada acerca do objeto de estudo. A própria diferenciação entre os dois termos não foi claramente definida por Lambert e Lambert (1972). Contudo, a partir da incorporação de novos estudos, outros autores apresentaram as suas definições teóricas e estabeleceram diferentes núcleos de pesquisa.

Várias foram as linhas de estudo que se ampararam nos pressupostos teóricos postulados por Lambert e Lambert e outros psicólogos sociais. Particularmente, os ramos de estudos da linguagem têm se valido das análises focadas em crenças e atitudes, uma vez que explicam comportamentos extralinguísticos não esclarecidos apenas pelo contexto linguístico (LABOV, 2008).

Um dos precursores a utilizar os conhecimentos sobre crenças e atitudes em seu trabalho de descrição e análise linguística foi William Labov (2008), em seu célebre estudo em Martha's Vineyard, em 1963, sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ nas diversas faixas etárias, grupos profissionais e étnicos.

Martha's Vineyard localiza-se no Estado de Massachusetts (EUA). Trata-se de uma pequena ilha com quase 6.000 habitantes que sobrevivem da pesca e de atividades ligadas ao turismo. A escolha de tal ilha não foi aleatória, pois, segundo Labov, a localidade, devido ao seu aparente isolamento, apresentava características de um inglês arcaico.

O pesquisador constatou que havia grande índice de centralização dos ditongos /ay/, forma arcaica do inglês. Em conclusão, constatou que a manutenção do ditongo era uma forma inconsciente de os nativos manterem sua variedade linguística e, assim, demarcarem sua identidade cultural, ou seja, uma maneira que

os moradores da ilha encontraram para reafirmar a sua identidade linguística, uma vez que o local recebia cerca de 40.000 veranistas ao longo do ano.

Labov (2008) concluiu que os habitantes da ilha demonstravam atitudes “‘positivas’ – exprimindo sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha’s Vineyard; ‘neutras’ – expressando sentimentos nem positivos ou negativos [...] e ‘negativas’ – indicando o desejo de viver em outro lugar” (LABOV, 2008, p. 59). Ao final, indaga: “Permanece uma lacuna na lógica da explicação: de que modo as pressões sociais e as atitudes sociais incidem sobre estruturas linguísticas?” (LABOV, 2008, p. 60). Tal questionamento abre precedentes para seu também conhecido trabalho sobre o /R/ em Nova York.

Influenciado pela teoria de que as pressões sociais influenciam diretamente a linguagem, Labov (2008) iniciou seu estudo sobre os róticos em Nova York. O pesquisador selecionou três lojas de departamentos de acordo com o status social de cada uma. O método utilizado foi simples: perguntava-se a um vendedor onde ficavam os sapatos femininos e a resposta era: “fourth floor” (quarto andar) (LABOV, 2008, p. 70).

Para essa pesquisa, foram inquiridos 264 informantes durante 6 horas e meia. O resultado da análise revelou que há estratificação social em relação às três lojas. O magazine que era tido como mais elitizado apresentou uma linguagem mais prestigiada. A loja intermediária revelou possuir uma linguagem média, menos formalizada que o primeiro magazine e a loja mais popular revelou um /R/ estigmatizado entre seus vendedores e clientes.

Labov (2008, p. 69) conclui que “o prestígio das lojas leva a uma avaliação social dos empregados da mesma ordem. Portanto, os dois aspectos da estratificação social – diferenciação e avaliação – é que devem ser buscados nas relações das três lojas e seus empregados”.

Agheysi e Fishman (1970) também chamam a atenção para a importância que os estudos das atitudes têm para a sociolinguística (apud LOPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998). É de Agheysi e Fishman o mérito de uma teoria para as crenças e atitudes mais bem delineada e a separação em duas principais linhas de pesquisa: *mentalistas* e *comportamentalistas*.

Seguindo os pressupostos de Agheysi e Fishman (1970), o espanhol López Morales (1993) descreve as duas linhas principais de pesquisas no âmbito das crenças e atitudes, a *mentalista* e a *comportamentalista/behaviorista*. Os mentalistas pressupõem que as atitudes são “um estado de disposição, uma variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua reação a ele” ⁶ (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231-232 – tradução nossa). Moreno Fernández complementa o raciocínio de Lopez Morales e salienta:

Entende-se a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento, ou a ação individual. ⁷ (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 182-183 – tradução nossa).

As atitudes, para a linha mentalista, são um estado mental do indivíduo capaz de escolher as suas respostas de acordo com a situação a que está condicionado. Por tal razão, as atitudes, nesse tipo de análise, pressupõem problemas metodológicos, pois, por se tratarem de estímulos mentais, não seriam facilmente observáveis (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231-232).

Dentro da perspectiva mentalista são identificados três componentes na composição das atitudes:

- **Cognoscitivo:** está diretamente ligado à consciência linguística do falante. Este componente abarca os conhecimentos do indivíduo (estereótipos, crenças) e seus valores (ascensão social, personalidade), etc. (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233). Gómez Molina (1998a, p. 31) acredita que o elemento cognoscitivo seja o de maior importância, pois “nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes [...] suas expectativas sociais (prestígio e ascensão) e o grau de bilingüismo”;

⁶ No original: Un estado de disposición, una variable que interviene entre un estímulo que afecta a la persona y su respuesta a él (LOPEZ MORALES, 1993, p. 231-232).

⁷ No original: La actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolinguísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermedia entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 182-183).

- **Afetivo:** são as emoções e sentimentos (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233). Faz juízo à valoração que o falante atribui acerca das características da sua fala ou do falar dos demais. Está diretamente ligada ao orgulho ou aos valores que a sua fala representa dentro de uma comunidade: traços de identidade, etnicidade, lealdade e valor simbólico (GÓMEZ MOLINA, 1998a, p. 31);
- **Conativo:** é a conduta que o falante tem frente às situações às quais está condicionado. Refere-se às escolhas que o indivíduo faz em relação às diferentes situações em que se encontra. Exemplo: escola, trabalho, família, amigos, etc. (GÓMEZ MOLINA, 1998a, p. 31).

Já a linha *comportamentalista/behaviorista*, nas palavras de Moreno Fernández (1998, p. 182 – tradução nossa), estabelece que “a atitude é uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolinguísticas determinadas”⁸. Ou seja, as atitudes do falante seriam previsíveis dentro das situações sociais. Na perspectiva comportamentalista, as atitudes seriam formadas apenas pelo componente afetivo, uma vez que poderiam ser medidas e observadas abertamente.

Embora López Morales (1993) seja adepto da linha mentalista, para ele as crenças e atitudes pressupõem apenas o componente conativo, ou seja, uma conduta, um comportamento, que pode gerar atitudes diferentes, podendo ser positivas ou negativas, dependendo da situação em que o falante está inserido.

Para o autor, a pesquisa mentalista traz graves problemas metodológicos, uma vez que:

As definições comportamentalistas, baseadas nas respostas que os informantes dão a certas situações sociais, podem ser estudadas diretamente, sem necessidade de se recorrer a relatórios introspectivos individuais, nem sempre utilizáveis para a investigação. Têm o grave inconveniente científico de que não prevêm a conduta verbal (nem nenhuma outra) e, portanto, não

⁸ No original: La actitud es una conducta, una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolinguísticas determinadas (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

podem constituir-se em padrões sistemáticos e coerentes.⁹ (LOPEZ MORALES, 1993, p. 232)

López Morales acredita que as atitudes são produzidas fundamentalmente pelas crenças, ainda que nem todas as crenças gerem atitudes.

Como se pode verificar, há definições para crenças e atitudes fundamentadas em várias áreas e, por vezes, elas se contradizem. Para BEM (1973), psicólogo social, as crenças estão, inicialmente, no indivíduo, uma vez que há certo inatismo presente no sistema de crenças, o que para o autor convencionou-se chamar de Crenças de Ordem Zero.

Já para os também psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972), o sistema de crenças de cada indivíduo é construído a partir de uma realidade social e essas crenças são partilhadas por todos os membros dessa comunidade.

Para os sociolinguistas Labov (2008), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993) e Gómez Molina (1998a; 1998b), as crenças são elementos cognitivos formados pelo meio social, são verdades culturais. Essas crenças dão origem a atitudes específicas dentro de cada comunidade linguística, manifestações das verdades partilhadas pelos membros dessa sociedade.

2.3 INTER-RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES: MÉTODOS DE ANÁLISE

Lambert e Lambert (1972, p. 80) identificam algumas formas de medir as atitudes dos indivíduos, contudo, como o próprio autor salienta, as atitudes são de difícil análise, uma vez que não são observáveis diretamente e sim deduzidas.

A primeira forma de análise identificada por Lambert e Lambert (1972, p. 80-81) seria com o auxílio da chamada Escala de Bogardus, que consiste em criar

⁹ No original: Las definiciones conductistas, basadas en las respuestas que los hablantes dan a ciertas situaciones sociales, pueden estudiarse directamente, sin necesidad de acudir a informes introspectivos individuales, no siempre aprovechables para la investigación. Tienen el grave inconveniente científico de que no predicen la conducta verbal (ni ninguna otra) y, por tanto, no pueden constituirse en patrones sistemáticos y coherentes (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 232).

situações hipotéticas ao entrevistado, exemplo: solicitar ao informante que imagine contatos sociais com estrangeiros e que indique se moraria em um mesmo bairro, se iria a um médico dessa etnia estrangeira ou mesmo se casaria com um deles. No entanto, a Escala de Bogardus recebeu críticas, uma vez que não fornece um índice de gradação ou intensidade, ou seja, não capta os sentimentos dos entrevistados.

Moreno Fernández (1998) salienta que cada linha de pesquisa, seja mentalista ou comportamentalista, possui diferentes metodologias de análise. Os comportamentalistas utilizam observações diretas, uma vez que pressupõem que a conduta do informante retrata suas crenças. Por seu turno, os mentalistas preocupam-se em observar o estado interno e mental dos falantes; para isso, podem fazer uso das técnicas *diretas* ou *indiretas*.

As *diretas* são as pesquisas com auxílio de questionário previamente elaborado, com estrutura aberta, na qual o informante “emite uma resposta que crê mais adequada”¹⁰ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187 – tradução nossa).

Já as *indiretas* são aquelas cujo propósito é desconhecido pelo informante; tem-se como exemplo o método *matched guise* proposta por Lambert (1967) e Lambert e Lambert (1972). Segundo Moreno Fernández (1998, p. 188), essa técnica é empregada com bastante frequência, no entanto, também apresenta algumas dificuldades devido à artificialidade da situação, pois se trata de uma entrevista.

No âmbito dos trabalhos atuais em crenças e atitudes, a técnica direta tem sido a mais utilizada (LÓPEZ MORALES, 1993; GÓMEZ MOLINA, 1998a; 1998b; MORENO FERNÁNDEZ, 1998), uma vez que, como se trata de questões abertas, o material coletado configura-se como importante para posteriores análises, tanto para as crenças e atitudes, quanto para estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos.

Lambert e Lambert (1972, p. 82) estabelecem que, para a análise das crenças e atitudes por meio de questionários, é necessário abordar os três componentes essenciais das atitudes. Dessa forma, o questionário teria as seguintes perguntas de acordo com cada componente:

¹⁰ No original: El informante emite la respuesta que cree más adecuada (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187).

- a) **Pensamentos e crenças:** ‘Parece-lhe que os imigrantes têm filhos, principalmente, para mandá-los trabalhar?’;
- b) **Sentimentos e emoções:** ‘Fica aborrecido porque os imigrantes mantêm sua própria língua e costumes?’;
- c) **Tendência para reação:** ‘Estaria disposto a trabalhar para um patrão imigrante?’ (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 82)

Assim, o método direto utilizado com o auxílio de questionário abordaria os três elementos das atitudes, o que daria ao pesquisador uma boa visão do que poderia ser deduzido a partir dos dados coletados. O estudioso tanto pode extrair análises quantitativas – com os resultados em percentuais –, quanto análises qualitativas – a partir dos comentários coletados *in loco*.

Pode-se citar que, em decorrência da dificuldade de análise das crenças e atitudes, a sociolinguística lança mão de um terceiro viés de estudo fundamentado em conceitos tanto mentalistas, quanto condutistas. Por um lado, os sociolinguistas consideram que o sistema de crenças do indivíduo está diretamente ligado à consciência linguística do falante; por outro, em decorrência da dificuldade em medir “valores cognitivos”, recorre-se ao método comportamentalista de apreciação, fundamentado no uso de questionários que avaliam “estímulos”. Por tal razão, quando se fala em análise das crenças e atitudes de determinada comunidade, é importante lembrar que se trata de estudos de estímulos puramente interpretativistas.

2.4 Os ESTEREÓTIPOS

O estereótipo diz respeito a uma convicção classificatória preconcebida a respeito de alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações. Em outras palavras, refere-se a uma categorização social que o falante utiliza para se ajustar e diferenciar-se dentro de sua comunidade (ORSI, 2008, p. 1).

Neste sentido, interessa a definição do que seja e qual a função do estereótipo, uma vez que, por meio dele, o falante infere seus valores e convicções,

enfim, seus juízos valorativos. Como bem assinala Silva-Corvalán (2001, p. 67), “o estudo das atitudes subjetivas ante a língua é, pois, em certa medida um estudo dos estereótipos linguísticos”.¹¹

A principal característica da estereotipação é a generalização de determinados grupos sociais. Sobre as generalizações estereotipadas, o psicólogo social Bem (1973, p. 18) assim se refere:

[...] as generalizações nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos. [...] Às vezes, por exemplo, os estereótipos não se baseiam em nenhuma experiência válida, mas são aprendidos como boatos ou são formados a fim de racionalizar nossos preconceitos.

Dentro dessa perspectiva, pode-se deduzir que “os estereótipos são crenças supergeneralizadas em um conjunto muito limitado de experiências” (BEM, 1973, p. 21).

Segundo Gómez Molina (1998a, p. 31), o estereótipo está no domínio cognitivo do falante, ao lado das crenças e das características da personalidade. Sendo assim, pode-se conceber o estereótipo como um saber não empírico, formado em decorrência do meio social. Willian e Wallace Lambert em outras palavras, ressalta que as atitudes criam estereótipos, uma vez que se tornam, no decorrer do tempo, rígidas em relação a fatos ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78),.

Labov (2008) vai mais além ao entender que os estereótipos fazem parte de uma cadeia que orienta a mudança linguística em conjunto com outros dois elementos: indicadores e marcadores. Em relação ao estereótipo, ele assim se refere:

Um estereótipo social é um fato social, parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatores objetivos.

¹¹ No original: El estudio de las actitudes subjetivas hacia la lengua es, pues, en cierta medida un estudio de los estereotipos lingüísticos (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 67).

Os membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles; podem ter um rótulo geral e uma frase característica que serve igualmente bem para identificá-lo. (LABOV, 2008, p. 360)

Em trabalho sobre o tema, a autora desta dissertação destacou que o estereótipo é um recurso de que o falante lança mão na tentativa de categorizar algo ou alguém em um padrão fixo (SILVA, 2009, p. 64). Em análise realizada com dados coletados *in loco* pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)¹² em nove cidades paranaenses, a autora verificou que os estereótipos servem para marcar uma população em específico, tais como: para os gaúchos, a referência são as expressões: “ba, tchê! puxa, tchê! tchê, amigo!”; para o baiano: “ai, preguiça da moléstia, ma mugunzá se come quente”; já para o mineiro: “me dá esse trem aí pra mim, sô! uai, minerim! caiu um trem no meu zóio”; para o curitibano: “leite quente dá dor de dente”; e para o nordestino: “seu caba, caba da peste” (SILVA, 2009).

Esses estereótipos são retirados da fala dos informantes que compõem a população atual de cada uma das localidades analisadas; são categorizações que o falante acredita como sendo verdadeiras, seja por influência da mídia, ou mesmo pelo contato dentro de sua comunidade.

Em suma, os estereótipos são *lugares-comuns*¹³ cujo resultado é a manutenção de uma estreita relação com o conceito de estigma, o que pode acarretar situações xenofóbicas, seja em decorrência do que se acredita como sendo sua língua, seja por efeito das atitudes que elas podem acarretar.

2.5 OS ESTUDOS DAS CRENÇAS E ATITUDES NO BRASIL

Nos últimos anos foi significativo o número de trabalhos que se debruçaram

¹² Trata-se de um projeto de cunho interinstitucional cuja finalidade é cartografar a variante brasileira. É composto por nove diretores científicos distribuídos em oito universidades públicas brasileiras. Maiores informações: <<http://www.alib.ufba.br>>.

¹³ Artificio retórico cujo resultado fornece argumento e provas para qualquer assunto. Idéia, frase, dito, sem originalidade; banalidade, chavão, o que é do conhecimento de todos; coisa trivial (HOUAISS, 2001).

sobre a temática das crenças e atitudes linguísticas. Tais trabalhos vão desde um enfoque sociolinguístico a uma linguística aplicada ao ensino de língua estrangeiras (L2). Contudo, neste capítulo, serão abordados os trabalhos sobre o enfoque sociolinguístico. Vale ressaltar que a principal fonte de busca para os trabalhos na área foi o banco de dissertações e teses da Unicamp, por disponibilizar os trabalhos na íntegra.

O primeiro trabalho em crenças e atitudes de que se tem registro no país é de Andrietta Lenard (1976): “Lealdade linguística em Rodeio – SC”. A autora realizou um trabalho com trentinos e seus descendentes quanto à manutenção ou não da língua italiana. Ela constatou que os imigrantes e seus descendentes conservam a língua de origem apesar de também conviverem com a língua portuguesa dentro da localidade. Para Lenard (1976): “Rodeio manifesta uma tendência no sentido de se conservar o dialeto Trentino e o Português sem prejuízo a nenhum deles”.

Outro trabalho pioneiro sobre atitudes linguísticas é o de Maria Isolete Pacheco Menezes Alves (1979): “Atitudes Linguísticas de nordestinos em São Paulo”. Foram entrevistados 118 nordestinos (pernambucanos e baianos), faixa etária de 18 a 45 anos, divididos por dois níveis: A e B.

Os níveis A são representados pelos informantes escolarizados, com curso universitário e com profissões de prestígio social. Já os entrevistados de nível B são analfabetos ou com pouca escolaridade, cujas profissões não possuem prestígio, que trabalham em lavouras, indústrias, comércio e construção civil.

Observou a autora que o nível A tende a manter suas origens e orgulham-se do fato de serem nordestinos, o que lhes atribui um sentimento de “vencedor” frente às dificuldades enfrentadas. Por outro lado, os de nível B demonstram tendências negativas às suas origens e tentam distanciar-se delas para inserir-se na realidade paulistana.

Emmanuel Santos publicou, em 1996, os resultados de sua tese: “Certo ou errado? Atitudes e Crenças no ensino de Língua Portuguesa”, sobre a temática das crenças aplicada ao ensino. Santos (1996) analisou o contexto escolar público sob a ótica das crenças e atitudes e constatou que a queda significativa em relação ao ensino/aprendizagem de língua materna está atrelada aos objetivos da escola em

suprir os interesses de uma classe dominante, ou seja, a escola teria por objetivo a manutenção da norma culta.

Ainda segundo as conclusões de Santos (1996), a escola encontra-se presa a seus antigos moldes, salientando o aspecto conativo das crenças, que pressupõe: “O estudo da língua surge a fim de conservar inalterada a linguagem correta das classes superiores em seu contato com os outros modos de falar dentro dessa sociedade” (SANTOS, 1996, p.18).

Em 1997, Jânia Martins Ramos publicou um interessante artigo intitulado “Avaliação de dialetos brasileiros: sotaque”, no qual a autora versa sobre o seguinte questionamento: como os falantes de cinco estados brasileiros reagem aos diferentes sotaques? Ramos (1997) aplicou um questionário com 48 perguntas em 60 informantes, em média, em cinco capitais brasileiras, a saber: Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ) e João Pessoa (PB). Os informantes dividem-se em duas faixas etárias: 14-15 anos e 25-40 anos, todos de classe média.

Os resultados obtidos por Ramos (1997) expõem que: (i) há rejeição do dialeto caipira nas cinco capitais analisadas (78%) e (ii) os dialetos mineiro e paraibano são os menos aceitos. Em contrapartida, o falar gaúcho é o mais aceito, (iii) quanto maior a proximidade com o Sudeste, mais os informantes sentem sua fala semelhante à mídia e (iv) o dialeto mineiro é o menos aceito dentre as cinco capitais (RAMOS, 1997, p. 118-119).

Em 2000, Edileusa Gimenez Moralis defendeu sua dissertação sobre o tema: “Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas”, na qual a autora analisa a questão das atitudes linguísticas em Alto Araguaia – MT. Para tanto, entrevistou 18 informantes araguienses e não araguienses, provenientes de Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Goiás e Rio Grande do Sul.

O trabalho de Moralis (2000) teve como objetivo analisar: a) “atitudes sobre a fala de grupos lingüísticos de origem geográfica distintas em contato dentro de uma mesma comunidade” (MORALIS, 2000, p. VII) e b) “atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional do indivíduo” (MORALIS, 2000, p. VII). A pesquisadora chegou à conclusão de que, com exceção dos baianos, todos avaliam de forma positiva o próprio falar e a atividade da linguagem na

atividade ocupacional tem como função primordial assegurar a “manutenção da interlocução”.

Leila Salomão Jacob Bisinoto realizou o trabalho intitulado “Atitudes sociolingüísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório”, em 2000,¹⁴ no qual analisa as opiniões do falar típico cacerense por meio de entrevistas com habitantes (nativos ou tradicionais) e migrantes de outras regiões do país que lá estão. Para tanto, foram entrevistados 24 informantes, de ambos os sexos e que residem há pelo menos oito anos em Cáceres.

Constatou que a variedade local é estigmatizada pelos habitantes e também pelos migrantes. Tal fator aponta para um possível desaparecimento do falar cacerense nativo, sobretudo em ambiente escolar, como salienta a pesquisadora:

É sabido [...] que a escola é preconceituosa, prescritiva e castradora quando trata com a linguagem e persegue uma unificação da língua. O que de novo parece revelar-se em Cáceres é que a escola, além de tudo, dá base ao preconceito e o legitima. (2000, p. 72).

Em artigo intitulado “Atitudes lingüísticas de falantes bilíngües”, publicado em 2001, Helena Confortin realiza uma pesquisa de cunho etnográfico e descreve as possíveis atitudes de falantes bilíngües de português e italiano, português e alemão e português e polonês, em uma pequena comunidade no Rio Grande do Sul.

A autora identifica três atitudes dentro da comunidade bilíngües, a saber: a) atitude de apego à língua materna, um sentimento de orgulho por tudo o que se relaciona à etnia, sem que isso signifique uma rejeição à língua brasileira; b) atitude de adoção, sem restrições, da cultura e da língua brasileira, atitude esta que parece vir acompanhada de um sentimento de inferioridade pela cultura materna, que se manifesta em atitudes como não querer falar a língua materna; c) atitude direcionada a conservar o que pode dos valores da cultura materna, ao mesmo tempo em que cultua a língua e cultura brasileira (apud AMÂNCIO, 2007, p. 57).

Em 2002, Adriana de Oliveira Barbosa defende sua dissertação intitulada “Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação e identidade

¹⁴ Em 2007, Bisinoto publica o livro: Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório. São Paulo: Pontes, 2007.

lingüística”. O trabalho teve por objetivo analisar as atitudes linguísticas de brasilienses em relação aos vários sotaques presentes em Brasília. Para isso, a autora realizou coleta de dados com auxílio de questionário semidirigido aplicado a 12 informantes de classe média, moradores da parte central e periférica da cidade.

Barbosa (2002) constatou que existe, por parte dos informantes, a ideia de que há uma fala característica brasiliense. A autora salienta: “Esses resultados reiteram o discurso público que constrói uma identidade lingüística regional baseada em valores ideológicos de uma elite que quer se destacar nacionalmente e que, por isso, precisa se definir pela diferença” (BARBOSA, 2002, p. 9).

Cândida Mara Brito Leite (2004) desenvolveu o trabalho “Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco”. Com o intuito de verificar o estigma social diante do /r/ retroflexo, Leite (2004) analisou oito estudantes da Unicamp oriundos de São José do Rio Preto-SP. Comprovou-se que os estudantes estigmatizam seu retroflexo de origem e optam pela aproximante alveolar e pela vogal colorida por considerá-las mais prestigiosas.

Em 2006, Maria Cristina Zandomeneghi Bergamaschi defende sua dissertação “Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas”, na qual analisa as atitudes linguísticas de Galópolis, pequena comunidades sul-riograndenses, sob a óptica do bilingüismo italiano-português.

A autora aplicou dois instrumentos de pesquisa, qualitativo e quantitativo, em 24 sujeitos, distribuídos por faixa etária e moradores de zona rural e urbana. Segundo a pesquisadora, dos 24 entrevistados, 11 utilizam alternadamente as duas línguas: italiana e portuguesa, dependendo do interlocutor, do local e da situação comunicativa.

Bergamaschi (2006) conclui que o estigma social frente ao dialeto italiano está atrelado ao fator tempo, uma vez que os descendentes sofreram preconceitos e estigma por não falarem a língua portuguesa:

Para os mesmos, as situações envolvendo preconceito lingüístico ou estigma fazem parte das muitas lembranças do passado que o sujeito vivenciou ou ouviu dos familiares. São relatos que remetem a um período marcado por dificuldades diversas. (BERGAMASCHI, 2006, p. 127).

Ainda em 2006, Sanches defende sua dissertação intitulada “Fotografias sociolingüísticas sob a perspectiva das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero”. O objetivo da autora foi estudar as atitudes lingüísticas de brasileiros, paraguaios e brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai.

Sanches (2006) constatou que os habitantes da região utilizam um *falar fronteiriço* e são bilíngues, porém, a autora destaca que os informantes sentem maior segurança no uso do português e do espanhol. Por outro lado, os brasileiros da fronteira sentem dificuldades em se comunicar na língua guarani.

Em 2007, foi defendida na Unicamp a dissertação “As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade”, por Rosana Gemina Amâncio. Trata-se de um estudo de cunho etnográfico na tríplice fronteira: Barracão-PR, Dionísio Cerqueira-SC e Bernardo de Irigoyen–Argentina.

A pesquisa versou sobre a seguinte questão: “Será que o convívio entre brasileiros e argentinos (grupos historicamente rivais) em uma região de fronteira seca, na qual são obrigados a dividir praticamente o mesmo espaço, é mesmo tão pacífico quanto quer nos fazer crer o discurso oficial corrente na localidade?” (AMÂNCIO, 2007, p.14). Foram entrevistados 20 informantes de ambos os sexos, com idade de 15 a 25 anos e nascidos naquelas localidades.

Em resposta ao questionamento inicial de Amâncio (2007), a pesquisa constatou que as atitudes dos brasileiros frente aos argentinos são negativas e demonstram aparente desinteresse por aprender o espanhol (AMÂNCIO, 2007, p. 93). Segundo os informantes, os argentinos são “preguiçosos, grossos, gulosos”, o que demonstra um convívio não pacífico entre os dois grupos.

Também é de 2007 a tese “Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças”, desenvolvida por Lúcia Maria de Jesus Parcero. O trabalho foca-se em uma comunidade de afrodescendentes conhecida como Fazenda Maracujá, situada no município de Conceição do Coité, na Bahia.

Em pesquisa de cunho etnográfico, Parcero (2007, p. 53-56) entrevistou 36 informantes divididos em três grupos: 1) informantes sem relacionamento regular fora da comunidade; 2) informantes que mantêm algum tipo de atividade regular fora da comunidade e 3) informantes da sede do município.

A pesquisadora concluiu que, dentro da comunidade, não há peculiaridades nos falares. Segundo os próprios informantes, a comunidade fala como todas as outras localidades rurais do Brasil: “é semelhante às das pessoas sem instrução de qualquer parte do município”, “o português da roça” (PARCERO, 2007, p. 175). A autora atestou, ainda, que não há influências significativas das línguas africanas, como supunha.

Aguilera publica, em 2008, o artigo “Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira?”, resultado de sua pesquisa de pós-doutorado na Espanha,¹⁵ utilizando como corpus seis questões metalingüísticas coletadas pelo ALiB em 25¹⁶ capitais brasileiras.

A autora, por meio de análises quantitativas e qualitativas, observou que o típico cuiabano falante do chamado “cuiabanês” é marcado por construções lingüísticas como “o meu mamãe, a casa de mamãe está limpo”. Também destaca que os cuiabanos sofrem com a “invasão” dos sulistas: gaúchos, catarinenses e paranaenses, uma vez que sentem o seu falar ser desprestigiado pelo migrante.

Aguilera (2008) conclui que o dialeto cuiabano parece estar com os dias contados, uma vez que esse típico falar sofre preconceitos de todas as partes: dos jovens e escolarizados e dos *paus rodados* – migrantes de outras regiões do Brasil e assim conhecidos pelo cuiabano, principalmente o gaúcho.

Botassini publica, em 2009, o artigo intitulado “Crenças e atitudes lingüísticas quanto ao uso dos róticos”, sob orientação de Aguilera. A autora analisa as opiniões quanto ao /r/ em coda silábica, que pode ser: [r] retroflexo, [r] tepe, velar [X], vibrante alveolar múltipla [r] e o apagamento [ø] (BOTASSINI, 2009, p. 86).

A autora entrevistou, por meio de questionário semidirigido, dez informantes: seis maringenses,¹⁷ dois cariocas e dois gaúchos, todos habitantes de Maringá-PR. A pesquisadora constatou que há estigma social quanto ao uso do retroflexo por parte dos maringenses, que consideram o “/r/ caipira”. Também foi constatado que os informantes não nativos mantiveram seu falar de origem, demonstrando lealdade lingüística com o seu falar típico.

¹⁵ Aguilera trabalhou, sob orientação de Francisco Moreno Fernández, em Alcalá de Henares, Espanha.

¹⁶ Excluiu-se a capital Palmas-To e o Distrito Federal, por se tratar de localidades novas.

¹⁷ Provenientes de Maringá-PR.

Ainda em 2009, Pastorelli defende sua monografia de especialização sob o título: “Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?”. O objetivo da autora foi identificar crenças e atitudes principalmente no que tange ao uso da variante retroflexa. Para tanto, Pastorelli (2009) trabalhou com dois perfis de informantes: a) nascidos no município de Londrina e b) os procedentes de outros Estados, perfazendo um total de dez informantes.

Os dados coletados refutaram as hipóteses iniciais da autora, que acreditava que o retroflexo era estigmatizado tanto por parte dos informantes londrinenses, quanto dos falantes provenientes de outras localidades. As análises demonstraram que a variante é lembrada pelos informantes como “característica do falar local, sem referência explícita à sua possível estigmatização” (PASTORELLI, 2009, p. 56).

Em 2009, a autora da presente dissertação publica o artigo “Crenças e atitudes linguísticas de falantes da região sul paranaense”, cujo objetivo era saber como pensam e como agem os paranaenses no que se refere à língua portuguesa do Brasil. A autora trabalhou com nove cidades sul paranaenses: ¹⁸ Piraí do Sul; Adrianópolis; São Miguel do Iguaçu; Imbituva; Guarapuava; Curitiba; Morretes; Lapa e Barracão, junto a 36 informantes, divididos pelos dois gêneros/sexos e duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65).

A autora concluiu que a “identidade linguística dos falantes é frequentemente identificada por meio de estereótipos já enraizados na cultura popular: o gaúcho fala ‘tchê’, enquanto o mineiro fala ‘sô’”. Também verificou que o comportamento linguístico dos informantes não demonstrou atitudes pejorativas em relação à interferência do migrante ou imigrante. Tal fato pode ser explicado pela situação à qual o informante estava sujeito, no caso uma entrevista, o que de certa forma inibe muitas das suas atitudes. Por outro lado, a maioria demonstrou uma atitude positiva em relação à grande contribuição dos diferentes povos na formação do povo paranaense (SILVA, 2009).

Em 2010, Helen Cristina da Silva apresenta sua monografia: “Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert”. O trabalho consiste em verificar as crenças e atitudes dos falantes de Londrina e Pitanga e tem por objetivo: a) verificar

¹⁸ Os dados haviam sido coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, Regional Paraná/Uel, sob a coordenação de Vanderci de Andrade Aguilera.

a existência ou não de preconceito linguístico entre as duas localidades; b) identificar as possíveis causas que levam a atitudes negativas e c) registrar as atitudes dos falantes londrinenses e pitanguenses. As hipóteses iniciais do trabalho são fundamentadas em Aguilera (1994), que descreve que as duas localidades apresentam peculiaridades fonéticas no que tange à realização da vogal anterior átona final [e] e suas variantes [i] e [e], identificadas como indicadores regionais: a vogal alteada para Londrina e a vogal média mantida para Pitanga.

A autora identificou, a partir de entrevistas com 24 informantes, que os londrinenses acreditam falar mais corretamente que os pitanguenses. Outro fator que se mostrou produtivo foram as análises por variáveis: as mulheres mostraram-se mais receptivas com o seu falar e os homens demonstraram maior preconceito, principalmente em relação ao falar pitanguense. Já a variável escolaridade também ressaltou as atitudes negativas em relação à fala pitanguense.

A seguir, apresenta-se um quadro com os trabalhos em Crenças e Atitudes aqui discutidos, separados por ordem crescente de datas. Também se dispôs o local de publicação da obra.

Autor	Titulação	Nome	Local de publicação e fonte
Lenard (1976)	Dissert.	Lealdade Lingüística em Rodeio – SC	LENARD, Andrieta. Lealdade lingüística em Rodeio (SC) . Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976. (Resumo)
Alves (1979)	Dissert.	Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo	ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia . Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000056349 >.
Santos (1996)	Tese / Livro	Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa	SANTOS, Emmanoel dos Santos. Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

Ramos (1997)	Artigo	Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque	Revista de Estudos da Linguagem – Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Disponível em: < http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/05-Jania-Ramos.pdf >.
Moralis (2000)	Dissert.	Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas	MORALIS, Edileusa Gimenez. Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas . Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000215182 >
Bisinoto (2000)	Dissert. / Livro	Atitudes sociolingüísticas em Cáceres – MT	BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório . Campinas: Pontes, 2007. ¹⁹
Confortin (2001)	Artigo	Atitudes lingüísticas de falantes bilingües	Revista do Instituto de Letras Puc Campinas , Campinas, v. 20. 1/2, p. 123-135, 2001.
Barbosa (2002)	Dissert.	Brasilienses e a idéia do não-sotaque	BARBOSA, Adriana de Oliveira. Brasilienses e a idéia do não-sotaque . Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000242103 >.
Leite (2004)	Dissert.	Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco	LEITE, Cândida Mara Brito. Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco . Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000318505 >.
Bergamaschi (2006)	Dissert.	Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas	BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomenighi. Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas . Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: < http://tede.ucs.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-01-18T121716Z-2/Publico/Dissertação%20Maria%20Cristina%20Z%20Bergamaschi.pdf >.
Sanches (2006)	Dissert.	Fotografias sociolingüísticas sob a perspectiva das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero	SANCHES, Rosely Áurea Soares. Fotografias sociolingüísticas sob a perspectiva das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero . Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2006.

¹⁹ A dissertação de Bisinoto foi defendida em 2007, mas seu livro foi publicado em 2009, pela Pontes Editores.

Parcero (2007)	Tese	Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças	PARCERO, Lucia Maria de Jesus. Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000431742 >.
Amâncio (2007)	Dissert.	As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-social e identidade	AMÂNCIO, Rosana Gemima. As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-social e identidade. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: < http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000420929 >.
Aguilera (2008)	Artigo	Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira?	RONCARATTI, Cláudia; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (Orgs.) Português Brasileiro. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007. p. 311-333.
Botassini (2009)	Artigo	Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos	Signum – Estudos da Linguagem, Londrina, v. 12, n. 1, p. 85-102, jul. 2009.
Pastorelli (2009)	Monogr.	Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?	PASTORELLI, Daniele Silva. Atitude Linguística de Falantes da Cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa? Universidade Estadual de Londrina.
Silva (2009)	Artigo	Crenças e atitudes linguísticas de falantes da região sul paranaense	ISQUERDO, Aparecida Negri; ALTINO, Fabiane Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Orgs.). Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. Londrina, 2009, v. 1, p. 1-13.
Silva (2010)	Monogr.	Crenças e atitudes lingüísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert	SILVA, Helen Cristina da. Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert. Universidade Estadual de Londrina.

Quadro 1 – Trabalhos em Crenças e Atitudes Linguísticas publicados no Brasil

Pretendeu-se, com os trabalhos aqui dispostos, apresentar um panorama dos estudos em Crenças e Atitudes Linguísticas em âmbito nacional; terreno fértil e ainda pouco explorado como se pode verificar. Contudo, percebe-se que, a partir do ano 2000, há um significativo crescimento nos trabalhos, um a cada ano até 2009. A

presente dissertação logo fará parte desse arcabouço brasileiro cujo objetivo maior é descrever a própria formação da língua brasileira.

3 A CIDADE DE PRANCHITA

Localizada no extremo sudoeste paranaense, a cidade de Pranchita conta com aproximadamente 6.000 habitantes (IBGE, 2007, p. 102) distribuídos na zona rural e urbana. A história de Pranchita tem suas raízes atreladas à cultura da erva-mate no Paraná, principalmente na região sudoeste do Estado.

Sua fundação, em 1902, deve-se ao cultivo da erva-mate explorada por paraguaios e argentinos. Tal fato deu origem, inclusive, ao nome da cidade que é uma adaptação fonética de *Panchita*, nome de uma das filhas do maior comprador do mate da região. Sua emancipação política ocorreu em 1981.

Fronteira seca com Argentina, Pranchita recebeu a contribuição de diversas etnias em sua fundação, a saber: espanhóis, alemães, poloneses e italianos, trazendo à pequena cidade características peculiares em sua composição étnico-racial e linguística.



Fonte: Abreu, 2006.

Figura 1 – Localização de Pranchita

3.1 PRECEDENTES HISTÓRICOS

Até o início do século XX a economia paranaense sobreviveu com o cultivo da erva-mate, especialmente na região sudoeste, devido à faixa fronteiriça entre a Argentina e Paraguai. Tais países, em seu histórico cultural e econômico, sempre fizeram do mate um mercado lucrativo e próspero, uma vez que argentinos e paraguaios detinham as técnicas de manejo da erva.

A exploração das riquezas da região de fronteira sempre se configurou como um mercado lucrativo para paraguaios e argentinos. Segundo Krüger (2004), os argentinos permaneceram explorando as riquezas em solo brasileiro até 1930, mesmo depois de 27 anos de demarcação das fronteiras entre os três países, por conta do Território Contestado (1903) entre os rios Chopim, Iguaçu e Uruguai.

Relata-se que a primeira região fronteiriça a desenvolver-se com o cultivo do mate foi Guairá, limítrofe com o Paraguai. A empresa responsável pelo cultivo, extração e comércio ervateiro era a Companhia Mate Laranjeira. Trabalhavam na Mate Laranjeira cerca de 3 mil homens majoritariamente argentinos e paraguaios. A língua 'oficial' de Guairá era o castelhano ou o guarani (KRÜGER, 2004, p. 49).

Na fronteira seca entre Argentina e Santo Antonio do Sudoeste não era diferente. Cerca de 40 mil alqueires de terras eram de domínio e exploração da erva-mate pelos argentinos, uma vez que a localidade era inabitada por brasileiros (KRÜGER, 2004, p. 49).

Nesse panorama exploratório ervateiro na região fronteiriça entre Argentina e Brasil, surgiu a cidade de Pranchita.

Pranchita foi fundada no ano de 1902 com a chegada dos paraguaios Don Lucca Ferrera e João Romero, compradores de erva-mate. A erva era negociada por Don Lucca com argentinos e posteriormente transportadas em lombos de burros através de caminhos abertos na mata pela própria família Ferrera (FERREIRA, 1996, p. 544).

Don Lucca tinha quatro filhos: Antonio, Dominga, Aurora e Panchita, a quem homenageou dando o nome à nova cidade. Contudo, em decorrência de adaptações fonéticas (rotacismo) o nome da cidade evoluiu para Pranchita.

O desmembramento de Pranchita dos municípios de Santo Antonio do Sudoeste e Pérola do Oeste ocorreu apenas em 1982, por conta da Lei nº 7.574, de 11 de maio de 1982 (FERREIRA, 1996, p. 544).

Pranchita foi um dos epicentros da chamada Revolta dos Colonos, iniciada com a Marcha para o Oeste financiada pelo governo Vargas, cujo objetivo era povoar as regiões de fronteiras do sudoeste paranaense, em 1930. Tal fato histórico configura-se como importante para análise e descrição das crenças e atitudes linguísticas dos pranchitenses. Dessa forma, a seguir, é apresentado um breve relato histórico sobre o que foi a Revolta dos Colonos e qual a participação de Pranchita neste conflito.

3.1.1 A Marcha para o Oeste e a Revolta dos Colonos

Após a revolução de 30, iniciou-se a campanha Marcha para o Oeste do então Governo Vargas, cuja finalidade era povoar e desenvolver o território paranaense e, conseqüentemente, proteger as regiões de fronteira da exploração dos países vizinhos, Argentina e Paraguai.

Inicia-se um grande afluxo migratório do contingente catarinense e sul-riograndense para o sudoeste do Paraná. Fazia parte dos planos do governo brasileiro, desde a demarcação das regiões fronteiriças, a criação de colônias agrárias para desenvolvimento e proteção das terras paranaenses (WACHOWICZ, 1985, p. 180).

Dessa forma, em 1943, o governo Vargas cria a Colônia Agrícola Nacional Osório – CANGO, com uma área de 300 mil hectares²⁰ e uma faixa de 60 km junto à fronteira com a Argentina, indo de Santo Antonio até Barracão (KRÜGER, 2004, p. 206).

Assim, colonos provenientes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina iniciam a Marcha para o Oeste, em busca das terras fornecidas pelo governo. Valter

²⁰ Um hectare corresponde a 10.000 m².

Pecoits, em 1979, durante entrevista a Wachowicz, relata a saga dos sulistas rumo às novas terras:

[...] as ruas estavam sendo abertas [...] Chegava gente de carroça, gente a cavalo, gente de caminhão, trazendo vaca de leite, filho junto. [...] Tudo era jovem, casais com três, quatro filhos pequenos [...] trabalhando e recebendo esses novos agricultores, que vinham principalmente do Rio Grande do Sul. A corrente migratória de Santa Catarina veio um pouco mais tarde. (WACHOWICZ, 1985, p. 182)

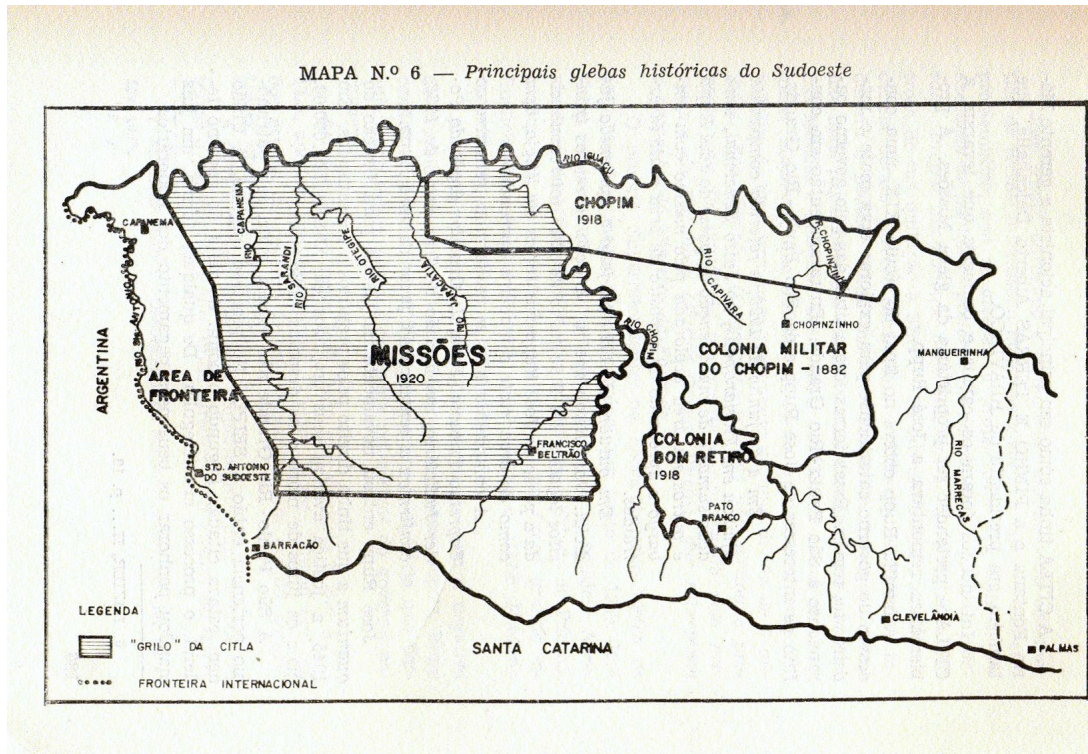
A cada ano aumentava o número dos migrantes, filhos de imigrantes europeus, na CANGO. Os dados demonstram o aumento progressivo das famílias nos sudoeste: em 1947, eram 467 famílias; já em 1956, eram 2.725, somando 15.284 pessoas. Vinham principalmente pela Estrada da Separação, beirando a fronteira com a Argentina, e instalavam-se na região de Santo Antônio do Sudoeste (WACHOWICZ, 1985, p. 183-200).

Todavia, grande parte do território, então doado para a realização da Colônia Agrícola CANGO, era ainda de posse da Companhia BRAVIACO (Companhia Brasileira de Viação e Comércio), empresa norte-americana pertencente à Brasil Railway, conforme ilustrado pelo mapa da figura 2.

O empresário José Rupp, dono das terras, considerando-se lesado com a perda dos territórios para o governo brasileiro, vende seus direitos para a Clevelândia Industrial e Territorial Ltda – Citla, dando início a um período turbulento de brigas judiciais, violência e morte.

O impasse jurídico entre a Citla e o governo culminou em um processo de coerção dos colonos ali moradores. Por parte da Citla, foram contratados jagunços provenientes do norte do país para queimar e matar os colonos que se negassem a passar as escrituras das terras (KRÜGER, 2004, p. 207).

Segundo Wachowicz (1985, p. 217), foi a primeira vez na história do sul do Brasil que se enfrentaram nortistas, trazidos pela companhia, e do outro lado, sulistas, descendentes de imigrantes. O termo nortista também por vezes era empregado como sinônimo de cabra ou jagunço.



Fonte: Wachowicz, 1985, p. 184.

Figura 2 – Principais glebas históricas do sudoeste do Paraná

Após inúmeros conflitos, violências e mortes de famílias inteiras, a situação tornou-se de tal forma insustentável, uma vez que a polícia e o governo não intervinham na causa, que os próprios colonos uniram-se e expulsaram, em 1957, os jagunços e os funcionários da Citla (KRÜGER, 2004, p. 210).

Um dos escritórios da Citla ficava em Pranchita (à época conhecida como Rio Claro). O então vigário da cidade, favorável à Citla, descreve o desfecho da batalha: “os revoltosos [colonos] não entraram nas casas, não roubaram, não mataram”, apenas escoltaram os jagunços para fora da cidade (WANDERSNECHT apud WACHOWICZ, 1985, p. 237).

Em relato, Valdemar Cola (apud KRÜGER, 2004), filho do pioneiro de Pranchita Antonio Cola, descreve como ficou a cidade durante a dominação da Citla: “Naquela época já tinha escritório da Citla ali na Pranchita [...] Na Pranchita, os jagunços não saíam em grupos menores que cinco, cada um com uma Winchester nas costas e um 38 desse tamanho na cintura”. Valdemar Cola também relata o último dia dos conflitos com o acordo realizado pelo seu pai e o advogado:

Ele [o advogado] deu as tintas do que era pra fazer e o pai fez, porque ali ele era líder. Foi de linha em linha e falou certinho... foi a salvação desse lugar, porque eles fizeram orientados por esse homem, esse advogado, senão a Companhia era dona das terras. (KRÜGER, 2004, p. 226)

A Citla foi expulsa da região e a população da CANGO ganhou o direito às terras, o que fez do sudoeste um espaço de posses de pequenos proprietários rurais. Cerca de 90% do território sudoestino tem áreas menores que 50 hectares (KRÜGER, 2004, p. 210).

3.2 PRANCHITA E SEUS HABITANTES

Majoritariamente, a população de Pranchita é descendente de imigrantes europeus que vieram para Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, depois, migraram para as terras cedidas pelo governo paranaense.

Dados coletados entre 1900 e 1970 relatam que a população vinda para o sudoeste do Paraná é, em sua maioria, constituída por gaúchos: 42,9%. Os percentuais das localidades de nascimento, segundo os registros de cartórios, são os seguintes:

Total de cônjuges	Origem	Porcentagem
41.901	Rio Grande do Sul	42,9%
30.651	Paraná	31,4%
24.283	Santa Catarina	24,8%
250	São Paulo	0,19%
150	Minas Gerais	0,11%
41	Bahia	00,3%
205	Outros Estados	0,15%

Fonte: Wachowicz, 1985, p. 293.

Quadro 2 – A origem da população do sudoeste paranaense

Já a cidade de Pranchita, segundo dados até 1970, foi formada por gaúchos: 73,5%; paranaenses oriundos de outras localidades: 16,1%; e catarinenses: 10,4% (WACHOWICZ, 1985, p. 293). Desse contingente étnico oriundo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, destacam-se alemães, poloneses e italianos, podendo-se, ainda, citar os espanhóis originários da fronteira seca com a Argentina.

Os pranchitenses ainda cultivam alguns hábitos culturais de seus antepassados, tais como as danças, as comidas típicas e o chimarrão, também proveniente do país limítrofe, a Argentina. Uma forma de reviver o passado e preservar as origens.

Em Pranchita mantêm-se o *Grupo de Dança Italiano*, o Grupo CTG *Caçulas da Fronteira* e o *Coral Italiano*, majoritariamente com participação da terceira idade. Também são realizadas festas com comidas típicas italianas.

Por se tratar de uma região de fronteira seca, o intercâmbio entre Pranchita e San Antonio (Argentina) é muito constante, principalmente com a finalidade de comércio entre as duas cidades. A relação entre os dois países é amistosa, ocorrendo também casamentos interétnicos entre ambos os povos.

4 METODOLOGIA: DESVENDANDO OS PASSOS DA PESQUISA

O presente capítulo tem por finalidade descrever os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Além disso, faz-se necessário entender qual foi a abordagem do trabalho, bem como seus objetivos e, para tanto, o capítulo inicia-se com a descrição da natureza da pesquisa. Logo após, descrevem-se as características da localidade em análise, bem como os informantes selecionados para tal empreitada. Em seguida, é descrita a organização da coleta dos dados e o questionário utilizado na pesquisa.

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

O termo qualitativo sofreu, ao longo dos anos, mudanças em seu significado, indo de um período mais tradicional até uma fase mais modernista (DENZIN; LINCOLN, 2006). Assim sendo, trata-se de um termo de difícil conceituação, porém, pode-se defini-lo como:

A pesquisa qualitativa é uma atividade que situa, que localiza o observador no mundo [...] Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa para o mundo, o que significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a ele conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17)

Dessa forma, a presente investigação é de cunho qualitativo, pois busca descrever as Crenças e Atitudes dos falantes da cidade de Pranchita-PR dentro do seu contexto social, ou seja, os *corpora* serão por natureza interpretativos, uma vez que a análise será baseada nos relatos pessoais dirigidos por meio de questionários.

Para tanto, a forma de pesquisa utilizada será de cunho etnográfico, pois visa a conhecer a realidade linguística da região a partir dos relatos dos moradores

ou mesmo citando Peacock (1986, apud VIDICH; LYMAN, 2006, p. 52): “é a descrição física e social de um povo e da base cultural de sua consciência de unidade enquanto povo”.

O método utilizado na coleta dos dados será o *direto*, realizado por meio de questionário previamente elaborado pelo Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato, sob a coordenação das professoras Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Aparecida Sella Feola (UNIOESTE).

Após o término da coleta de dados, verificou-se que algumas perguntas do questionário apresentam ambiguidade de resposta, como exemplo a questão 11 – *Comparando essas línguas (italiano, alemão, polonês, espanhol), quem fala melhor?* O objetivo inicial dessa pergunta era averiguar, dentre as etnias citadas, quem falava melhor a própria língua. Porém, ocorreu tanto por parte do inquiridor quanto do informante, o entendimento de que a questão solicitava quais dessas etnias falavam melhor a língua portuguesa.

4.2 LOCALIDADE E PERFIL DOS INFORMANTES

Localizada no extremo sudoeste paranaense, a cidade de Pranchita conta com aproximadamente 6.000 habitantes distribuídos pela zona rural e urbana. Sua fundação é datada do início do século, mais precisamente 1902, em decorrência do cultivo da erva-mate explorada por paraguaios e vendida a argentinos. Tal fato, inclusive, deu origem ao nome da cidade que é uma adaptação fonética de Panchita, o nome de uma das filhas do maior comprador da erva. Sua emancipação política ocorreu em 1981.

Fronteira seca com Argentina, Pranchita contou com a participação de diversas etnias em sua fundação, a saber: espanhóis, alemães, poloneses e italianos, trazendo, assim, características peculiares em sua composição étnico-racial e linguística.

Com o objetivo de verificar as crenças e atitudes dos pranchitenses em relação à sua fala e à de outros grupos linguísticos com os quais convivem, foram realizadas pesquisas *in loco* junto a 17 informantes naturais da localidade ou moradores em Pranchita há, pelo menos, 15 anos, e estratificados por faixa etária, sexo/gênero e escolaridade. Em relação à origem étnica, a seleção foi aleatória.²¹

O perfil dos informantes também foi definido pelo Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato, seguindo os pressupostos da sociolinguística moderna, cujo objetivo é oferecer uma amostragem consistente trabalhando com as variáveis diassexuais (sexo), diagenéricas (idade) e diastráticas (escolaridade).

O quadro 3 permite visualizar o perfil dos informantes que foram selecionados em Pranchita:

Nº dos informantes	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade
1	Homem	18-30	Fundamental
2	Mulher	18-30	Fundamental
3	Homem	31-50	Fundamental
4	Mulher	31-50	Fundamental
5	Homem	51-70	Fundamental
6	Mulher	51-70	Fundamental
7	Homem	18-30	Médio
8	Mulher	18-30	Médio
9	Homem	31-50	Médio
10	Mulher	31-50	Médio
11	Homem	51-70	Médio
12	Mulher	51-70	Médio
13	Homem	18-30	Superior
14	Mulher	18-30	Superior
15	Homem	31-50	Superior
16	Mulher	31-50	Superior
17	Homem	51-70	Superior
18	Mulher	51-70	Superior

Fonte: Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato

Quadro 3 – Perfil dos informantes²²

Como demonstra o quadro 3, foram selecionados 17 informantes de acordo com idade e nível escolar e, para cada faixa etária, foram inquiridos dois informantes

²¹ A pesquisa ocorreu apenas na zona urbana de Pranchita. Núcleos rurais, como colônias polonesas, não foram inquiridas.

²² Em decorrência de problemas com o equipamento utilizado na coleta, a gravação correspondente ao informante 9 ficou inutilizada.

de ambos os sexos. Também foram levados em consideração os níveis de escolaridade: fundamental (de 1ª à 8ª série), ensino médio e superior.

Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, preencheu-se a Ficha dos Informantes, que solicitava informações pessoais, tais como: nome, idade, local de nascimento, local de nascimento dos pais, e incluía informações sobre os programas de televisão que gostava de assistir e o que gostava de ler.

Segundo dados coletados na Ficha dos Informantes, pôde-se averiguar que a maioria dos pais dos informantes, 74%, nasceram no Rio Grande do Sul, principalmente nas cidades de Carazinho e Erechim. Os pais nascidos no Estado do Paraná somam 26% do percentual. As localidades dos pais paranaenses são principalmente Pranchita e Santo Antonio do Sudoeste.

4.3 COLETA DOS DADOS

A coleta do material foi realizada com o auxílio de questionário previamente elaborado pelo Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas. As entrevistas foram realizadas por quatro inquiridoras: Greize Alves da Siva-Poreli (UEL), Juliana Franco Alves (UEL), Fabiane Cristina Altino (UEL) e Rejane Hauch Pinto Tristoni (UNIOESTE).

O quadro 4 traz o rol de perguntas que compõem o Questionário aplicado aos informantes:

1. Que língua você fala?
2. Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
3. Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
4. Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?
5. Aqui em Pranchita existem pessoas que falam diferente de você?
6. Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol argentino, espanhol paraguaio, italiano, alemão).
7. Poderia dar um exemplo do espanhol argentino?
8. Poderia dar um exemplo do espanhol paraguaio?

9. Poderia dar um exemplo do alemão?
10. Poderia dar um exemplo do italiano?
11. Comparando essas línguas: argentino, paraguaio, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?
12. E quem fala pior? Por quê?
13. Em que lugares você ouve esta(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?
14. Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
15. Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
16. Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
17. Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
18. Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?
19. Essas línguas são feias ou bonitas?
20. Qual é a mais bonita?
21. E a mais feia?
22. Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Pranchita?
23. Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?
24. A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?
25. Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?
26. Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?
27. Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?
28. Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios, você compraria?
29. E se lá só morassem argentinos, você compraria assim mesmo?
30. E se lá só morassem alemães, você compraria assim mesmo?
31. E se lá morassem apenas italianos, você compraria assim mesmo?
32. Você tem amigos argentinos? Como começou esta amizade?
33. Você tem amigos paraguaios? Como começou esta amizade?
34. Você tem amigos alemães? Como começou esta amizade?
35. Você tem amigos italianos? Como começou esta amizade?
36. Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?
37. Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?
38. Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?

39. Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino (a)? Por quê?
40. Você namoraria ou se casaria com um(a) paraguaio (a)? Por quê?
41. Você namoraria ou se casaria com um(a) alemão (ã) Por quê?
42. Você namoraria ou se casaria com um(a) italiano (a)? Por quê?
43. Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um argentino? Por quê?
44. Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um paraguaio? Por quê?
45. Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um alemão? Por quê?
46. Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um italiano? Por quê?
47. Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Pranchita, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?
48. Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?

Quadro 4 – Instrumento de coleta utilizado na pesquisa

As gravações dos inquéritos foram realizadas em fitas K7 com o auxílio de microfones de lapela. Após a coleta dos dados, todo o material foi transcrito, revisado e organizado em tabelas e gráficos para serem analisados à luz do referencial teórico consultado.

4.4 ÉTICA

Adota-se no presente estudo que o conceito de ética seja um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade, uma vez que ela serve para que haja respeito entre os pares e por suas diferentes opiniões.

Dessa forma, os preceitos éticos de consentimento informado, privacidade, confidencialidade e precisão são respeitados (CHRISTIANS, 2006, p. 147). A participação foi voluntária e informações de caráter pessoal não são, em hipótese alguma, divulgadas. Durante a entrevista, ou mesmo ao final, o informante tinha o direito de solicitar o cancelamento da sua participação, bem como a posse da fita em questão, embora isto não tenha ocorrido na coleta dos dados.

4.5 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os dados aqui utilizados foram submetidos a tratamentos qualitativos e quantitativos, uma vez que, além de interpretados, foram apresentados por meios estatísticos e de gráficos de frequência. Os resultados obtidos foram analisados à luz do aporte teórico sobre crenças e atitudes linguísticas.

Vale ressaltar que quando se trabalha com respostas abertas, o pesquisador é passível de erros, uma vez que seu trabalho é focado em dados puramente interpretativos. O exercício da pesquisa não é um fim em si mesmo, pois suscita mais perguntas do que respostas.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analisam-se os dados coletados *in loco* à luz do aporte teórico da Psicologia Social, Antropologia e Sociolinguística. Para descrição e análise, o capítulo está dividido em três grandes momentos: inicialmente, descrevem-se a constituição do repertório linguístico da comunidade, quais grupos étnicos ajudaram na formação de Pranchita, os grupos predominantes e de que Estados são provenientes. As questões vão do número 01 ao 10. O tópico que se segue aborda as possíveis crenças dos informantes frente ao seu falar e em relação aos outros presentes na localidade. Aqui também se apresenta uma discussão sobre o ensino de língua estrangeira na escola pública para a comunidade em questão; as perguntas vão do número 11 ao 26. No terceiro e último momento, levantam-se as atitudes linguísticas dos pranchitenses: questões do número 27 ao 46.

5.1 A CONSTITUIÇÃO DO REPERTÓRIO LINGUÍSTICO DE PRANCHITA-PR

5.1.1 Análise A

O presente subcapítulo versa sobre as quatro primeiras perguntas do questionário aplicado em Pranchita, a saber: 01 – Que língua você fala?, 02 – Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?, 03 – Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você? e 04 – Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós? Estas questões têm como objetivo identificar quais as principais etnias presentes na localidade.

As respostas das primeiras duas questões são representadas no gráfico a seguir:

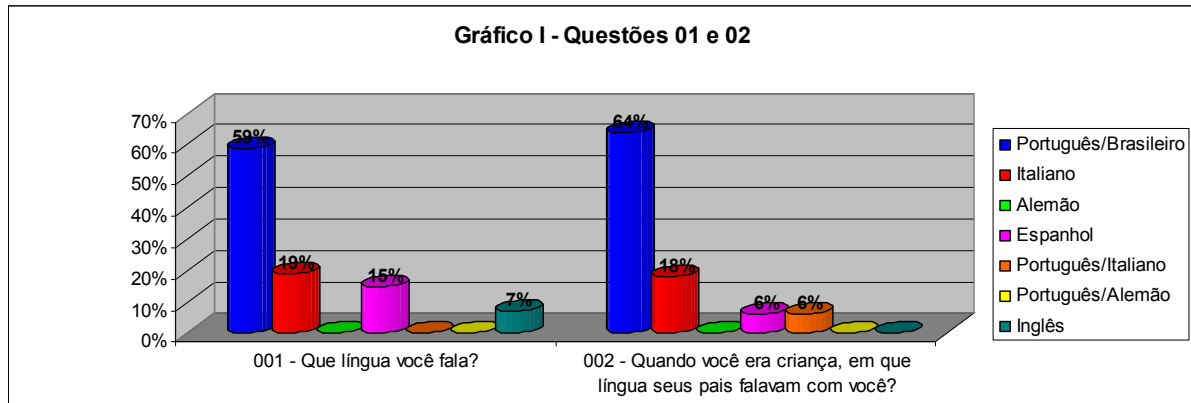


Figura 3 – Constituição do repertório linguístico de Pranchita, questões 01 e 02

Os dados do primeiro questionamento indicam que 59% dos entrevistados falam a língua portuguesa ou brasileira; 19% dos informantes falam a língua italiana; 15% o espanhol e 7% falam a língua inglesa.

Já a questão 02, que solicita a língua que os pais do informante falavam, apresenta 64% para a língua portuguesa ou brasileira; 18% para a língua italiana; 6% para o espanhol e 6% relatam que os pais falavam uma mistura de português e italiano.

Conforme demonstrado, atestou-se o predomínio da resposta *português* ou *língua portuguesa* nas duas questões analisadas (59% e 64%). Tal fato revela o saber veiculado pelos grupos sociais, pela mídia ou mesmo pela escola, demonstrando a consciência de que a língua padrão utilizada no Brasil é o português.

Como segunda resposta mais produtiva nas duas análises, os falantes citam a língua italiana, 19% e 18% respectivamente, evidenciando o predomínio do imigrante italiano e seus descendentes na região. Esse fator pode ser mais bem visualizado nas análises que se seguem.

A terceira maior incidência refere-se à língua espanhola, com 15% e 6% das ocorrências, o que pode estar relacionado ao fato de a cidade fazer fronteira seca com San Antonio, na Argentina. Os próprios informantes relatam que, na fronteira, os laços entre brasileiros e argentinos são estreitos, inclusive pela constante interação entre os dois países, sobretudo comerciais, os pranchitenses vão a San

Antonio para comprar alimentos e os san antonienses vêm a Pranchita em busca de atendimento médico.

Já a língua inglesa, citada pela informante de nível superior, refere-se ao conhecimento do inglês como segunda língua. Vale ressaltar que, embora Pranchita seja uma cidade fronteiriça com a Argentina, a segunda língua ensinada na escola é o inglês.

A seguir, são apresentados os números coletados para as respostas às questões 03 e 04.

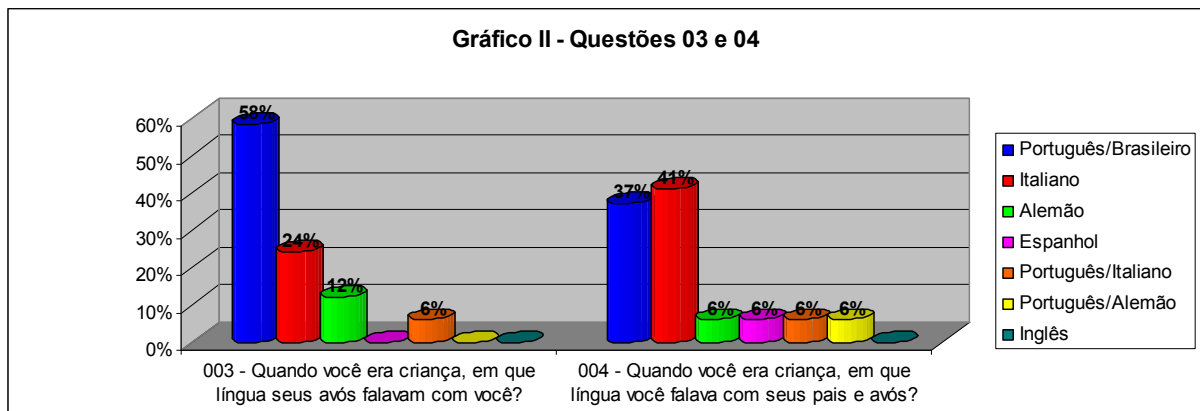


Figura 4 – Constituição do repertório linguístico de Pranchita, questões 03 e 04

A 3ª e a 4ª questão referem-se às línguas utilizadas pelas gerações mais velhas do informante. A questão 03 – *Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?* registra os seguintes resultados: 58% para o português, 24% para o italiano, 12% para o alemão, 6% para o brasileiro e 6% uma mistura de português/italiano. Novamente se pode notar que a língua italiana está em segundo lugar dentre as mais faladas na comunicação familiar, sobretudo no contato dos avós com os netos. Também se pode mencionar os 6% que falavam duas línguas concomitantemente: o português/italiano.

No entanto, a questão 04 – *Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?* configura-se como reveladora do ponto de vista linguístico. Essa questão, embora tenha por objetivo averiguar em qual língua o informante, quando criança, se reportava aos mais velhos, pais e avós, obteve um

entendimento diferente por parte dos informantes. Compreendeu-se a questão da seguinte forma: “Em que língua seus pais e avós falavam entre eles?”.

Os resultados foram expressivos com relação a essa segunda compreensão. Os dados demonstraram o predomínio da língua estrangeira entre os pais e avós em detrimento da língua portuguesa: 41% italiano, 37% português, 6% alemão. Também se pode destacar o bilinguismo atestado pelos informantes: português/italiano (6%) e português/alemão (6%). Os índices demonstram que as famílias, dentro de seus lares, preservavam as línguas de origem.

Contudo, como explicitado pelos informantes, a terceira geração (os netos) dessas famílias não preservou a língua dos avós em decorrência de múltiplos fatores; dentre eles, a instituição escolar e a proibição governamental do uso de outras línguas que não fosse o português, como é atestado pelo informante masculino com ensino superior:

E quando eu era pequeno, oito, nove, dez anos eu falava muito alemão, muito com meu pai e minha mãe, daí entramos aqui, era... a maioria do pessoal era italiano, e... inclusive, minhas irmãs quando iam pra escola, mais velhas, vinham embora porque tinham de castigo porque não falavam o português, ajoelhavam em cima de milho e tal, porque não falavam português, isso acontecia. Mas daí a gente foi entrando e já a maioria falando o italiano ou português, daí a gente foi deixando de lado, inclusive meu pai, quando faleceu com 86 anos, ele tinha dificuldade de falar alemão quando vinha os parentes lá de fora, porque já... (002/17).

Esta declaração tem respaldo no Decreto-Lei 383 (BRASIL, 1938), art. 2º, 1938, de Getúlio Vargas, que proíbe o imigrante de

1 – Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. [...]

5 – Com o mesmo objetivo manter jornais, revistas ou outras publicações, estampar artigos e comentários na imprensa, conceder entrevistas; fazer conferências, discursos, alocações, diretamente ou por meio de telecomunicação, empregar qualquer outra forma de publicidade e difusão.

Dentro desse contexto, as então colônias criadas pelos imigrantes foram obrigadas a aprender a língua portuguesa, principalmente as crianças em idade escolar, fato atestado pelos informantes. Darcy Ribeiro nomeia os imigrantes como gringos e atesta a obrigatoriedade da língua nacional brasileira dentro das comunidades: “Cumpriu (sic), porém, uma função assimiladora decisiva, compelindo o ensino de língua vernácula nas escolas, quebrando o isolamento das comunidades e recrutando jovens gringos e nipo-brasileiros para servir as forças armadas” (RIBEIRO, 2003, p. 440).

Para evitar que os filhos tivessem dificuldades no meio social e para ajudá-los a se adaptar a essa nova realidade, cuja língua era a porta de entrada, as famílias, entre si, evitavam falar em suas línguas originais, passando a utilizar o português majoritariamente: “E daí nem a vó não falava muito porque ela dizia assim: A gente não vai falar alemão, porque só eu e o pai aqui, então fiquemo assim, vamo falá brasileiro com a T.!” (002/6), “Eles usavam o italiano. Só quando vinha pessoas de fora que eles falavam português, né” (002/16).

Por meio das quatro análises, pode-se destacar que a primeira questão demonstrou o predomínio da língua portuguesa (59%) em relação às línguas faladas pelos informantes. Como se trata da terceira ou quarta geração após a colonização de Pranchita, e, tendo em vista as pressões governamentais, é esperado que as respectivas línguas dos antepassados não mais sejam faladas pelos informantes.

A questão 02 assinalou que 64% dos entrevistados relataram que falavam em português com seus pais; 18% conversavam em italiano. Todavia, à medida que avançamos nas gerações mais velhas, pode-se perceber que a língua estrangeira torna-se mais comum dentro dos lares, como se pode evidenciar nas análises que se seguem.

A questão de número 03, cujo objetivo era averiguar em qual língua os netos se reportavam aos avós, indicou que houve uma diminuição em relação à língua portuguesa (58%) e aumento da língua italiana (24%) e do alemão (12%).

Tal fator é evidenciado na última análise, que demonstrou que pais e avós falavam entre si predominantemente na língua de origem: 41% italiano, 37% português e 6% alemão. Atestado pelos próprios informantes está o fato de pais e

avós reportarem-se aos filhos e netos utilizando o português em decorrência da instituição escolar, que exigia que as crianças dominassem o idioma nacional.

5.1.2 Análise B

As análises que se seguem versam sobre as questões 05 – *Aqui em Pranchita existem pessoas que falam diferente de você?*, 06 – *Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol argentino, espanhol paraguaio, italiano, alemão)*, 07 – *Poderia dar um exemplo do espanhol argentino?*, 08 – *Poderia dar um exemplo do espanhol paraguaio?* 09 – *Poderia dar um exemplo do alemão?* e 10 - *Poderia dar um exemplo do italiano?*

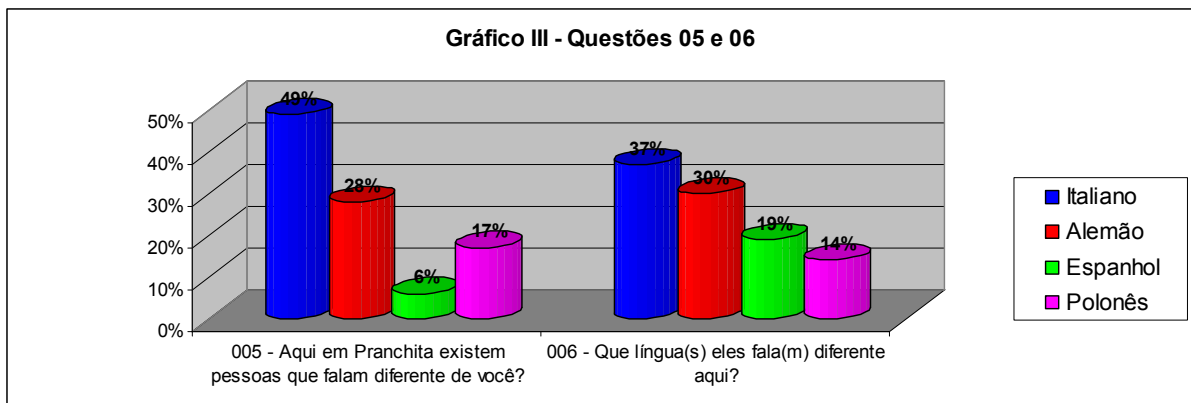


Figura 5 – Constituição do repertório linguístico de Pranchita, questões 05 e 06

Na figura 5, apresentam-se as respostas às questões 05 e 06. Como se pode notar, nas duas questões foram identificados os mesmo grupos étnicos: italiano, alemão, espanhol e polonês. Na primeira questão, 49% das respostas identificam o povo italiano como alguém que fala diferente; 29%, o alemão; 6%, o espanhol e 17%, o polonês.

Já na questão seguinte, na qual são solicitadas quais línguas diferentes eram faladas em Pranchita, 37% apontam a língua italiana; 30%, o alemão; 19%, o espanhol; e 14%, o polonês.

Para a análise dessas duas questões, são oportunas as transcrições de alguns relatos orais coletados:

INF.- Fala. Italiano, têm polacos, como que é? Polaco, alemão, que fala a língua alemã também.

INQ.- Mais algum?

INF.- Que eu saiba acho que é só. Os poloneses que daí dizem os polacos, né. (002/4)

INF.- Aqui tem o italiano, tem o alemão e o polonês, só as três língua. (002/5)

INF.- Tem, é que nem eu falei, muito italiano, né, tem bastante. Alemão, conheci alemão também, quando morava no interior tinha vizinhos que a família era grande, então eles falavam só em alemão, quando tinha alguém por lá, quando tinha alguém, né, ou sei lá se era costume, porque às vezes um pouco eles falavam português, daí dali um pouco começavam falar em alemão, né, daí dava aquela, e eles era costume eles falam alemão, todos, né, da família, eu achava legal até, né, dava risada, num entendia, pedia alguma coisa que era. Era assim. (002/7)

INF.- É, existe, tem os que fala italiano, alemão, vai indo, depende a origem. (002/8)

INF.- Olha aqui existe os italianos, existe os poloneses, inclusive logo que nós chegamos e até um tempo atrás, existia aqui embaixo a linha dos italianos, que é São Roque hoje, e daí aqui no fundo tinha a linha dos polaco, poloneses que é a atual São José hoje. Só tinha italiano e só tinha polonês naquela região, e aqui do outro lado tinha outra linha São João, onde a maioria era de... como é que a gente diz? Brasileiro, o caboclo... e hoje você nota a diferença das três localidades, você nota que é um pouco, é um tipo de gente (inint.)

AUX.- Mas, conserva esses lugares aqui ou já misturou?

INF.- Não, já tá meio, bastante misturado, mas ainda existe, quem conheceu e sabe mais ou menos ainda existe uma característica especial. (002/17)

Também se pode destacar certo predomínio da língua italiana:

INF.- Pelo conhecimento que eu tenho existe ainda pessoas que falam o dialeto italiano.

INQ.- Aqui mesmo?

INF.- Sim, e hoje existe um incentivo da cultura italiana, inclusive, eu fiz dois cursos de italiano aqui e existe um incentivo, inclusive um

coral italiano aqui... da cultura italiana. Nós temos também grupos de danças aqui, tudo pra incentivar a cultura italiana. Temos assim também... alimentação, temos a... a festa da polenta que tem uma vez por ano na semana dos municípios aqui que é por causa da cultura italiana. É... a maior parte dos nossos descendentes aqui são italianos. Existe outras nacionalidades também: alemães... outros, né, mas a predominância é italiana mesmo. (002/18)

O relato da professora aqui transcrito corrobora a afirmação de Diégues Júnior (1963), na qual o autor observa que o grupo com maior expressividade numérica proveniente da Europa foram os italianos:

Alemães, italianos, poloneses, austríacos, belgas, suíços começaram a entrar no Brasil, principalmente os dois primeiros grupos, que se tornaram não somente os de maior expressão numérica como também de maior significação cultural. (DIÉGUES JR., 1963, p. 108)

Estima-se que, até 1960, entraram no Brasil mais de 1 milhão de italianos (RIBEIRO, 2003).

Ainda segundo Darcy Ribeiro (2003), o Brasil recebeu aproximadamente 5 milhões de imigrantes até 1960. Os dados imigratórios, de acordo com o autor, são visualizados na tabela a seguir:

Tabela 1 – Distribuição do contingente imigratório por período de entrada

Milhares						
Períodos	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Japoneses	Alemães	Totais
1851/1885	237	128	17	-	59	441
1886/1900	278	911	187	-	23	1398
1901/1915	462	323	258	14	39	1096
1916/1930	365	128	118	85	81	777
1931/1945	105	19	10	88	25	247
1946/1960	285	110	104	42	23	564
Totais	1732	1619	694	229	250	4523

Fonte: Ribeiro, 2003, p. 242.

A tabela fornecida por Ribeiro mostra a maior concentração de imigrantes vindos para o Brasil, ocorrida entre 1851 a 1960, somando 109 anos de intenso fluxo

migratório; 1.619.000 italianos adentraram as fronteiras nacionais, perdendo apenas para os colonizadores portugueses (1.732.000).

Levando em consideração que, mesmo tendo o Brasil recebido muitos imigrantes, os descendentes desses desbravadores não aprenderam a língua de seus antepassados. Durante as entrevistas, foram solicitadas aos informantes palavras ou exemplos conhecidos da língua de seus parentes.

Os exemplos mais utilizados pelos informantes em resposta à questão 10 - *Poderia dar um exemplo do italiano?* foram: “O italiano... ‘*Tutti bonna gente*’ (=tudo boa gente)” (002/4); “*Italiano, a mais normal que é ‘porco dio*’ (=Deus porco²³)”, que é um costume que os italiano falam muito, né, que até dizem que tá blasfemando coisa, né, contra Deus, é essas palavras ‘*porco dio*’ (002/7); “É ‘*parla niente*’, ‘*num fala nada*’, né? É curto, mas é muito curto, né?” (002/13); “[...] de manhã, acho que é mais isso ‘*bonna cera*’ (=bom dia)” (002/14). “Ah, ‘*porca Madonna*’²⁴ (=Nossa Senhora porca)”, *de que jeito que vai ser... (risos) isso aqui a gente não sabe o quê que significa... sabe porque é tudo meio italiano, né?*” (002/17). Outros excertos que ilustram a questão dos exemplos em italiano são:

INF.- Assim o que eles falam entre eles? Ah, isso eu acho engraçado, os “porco dios” deles, os “porca madonna”.

INQ.- Porca madonna? A senhora ouviu falar porca madona?

INF.- Sim. “Cania viadeira”, cadela que anda bastante, uma “cania viadeira” (=vira-lata) então eles já sabem, né? Tem bastante palavras que agora no momento eu não vou me lembrar.

INQ.- Como que é a palavra?

INF.- “Cania viadeira”, “cadela viadeira”, né?

INQ.- Então eles tão xingando alguém então?

INF.- Provavelmente. (002/10)

INF.- “Medir (=mezzogiorno)” que é meio-dia, “manjar (=mangiare)” que é comer... tentar lembrar de uma é retroceder um pouquinho no passado... “Laborar” que é trabalhar, “escoltar (=ascoltare)” que é escutar, é... tô falando assim do que eu aprendi com os meus pais, não é. Claro que se a gente for estudar a origem dessas palavras não é exatamente isso que a gente fala, mas a gente conversava. (002/15)

²³ Expressão de baixo calão pouco utilizada na Itália, é considerada blasfêmia. E-mail recebido de Ivana Bertolazzo, cidadã italiana, em 6 de setembro de 2010.

²⁴ Também considerada expressão chula.

INF.- Ah, “buon giorno”.

INQ.- Tem alguma expressão que eles usam também?

INF.- A gente houve a saudação “buon giorno”, “buona notte”, a... “gracie”.

INQ.- Gracie? Que é obrigado?

INF.- Obrigado. Ah... “felicitat”, são entre pessoas cultas, a gente ouve entre pessoas cultas.

INQ.- Não ouve assim, na rua por exemplo?

INF.- Na rua não se ouve, às vezes as pessoas cultas que conhecem a língua ela usam essas expressões como uma forma de carinho acho. (002/18)

Já os alemães são, dos grupos imigrados para o Brasil, “uma das etnias mais importantes no cenário nacional” (DIÉGUES JR., 1963, p. 120). Há divergência de fontes quanto à região de procedência dos alemães para o Brasil, mas Diéguas Jr. afirma que para o Brasil vieram tanto alemães do norte quanto do sul, da Pomerânia, do Holstein, da Saxônia, de Westfália, de Oldenburg, dentre outras regiões (DIÉGUES JR., 1963, p. 123).

Os arquétipos mais utilizados pelos informantes quando indagados sobre a pergunta 09 - *Poderia dar um exemplo do alemão?* foram: “*Em alemão é ‘bom-dia’.* É ‘*guten morgen*’. (002/6); “*Ah, uma mais comunzinha que é vaca que eles falam ‘kuh’* (002/7); “*Alemão deixa eu me vê, é... ‘alscute’, que é tipo assim ‘oi, como vai, tudo bem?’*” (002/8); “*Sim, mas daí alemão parece-me que é que nem a mesma coisa que inglês ‘good morning’.* Parece que é a mesma coisa (002/10)”.

O informante idoso de nível superior atesta, ainda, as semelhanças entre a língua alemã e a língua inglesa, ambas do tronco linguístico germânico:

INF.- Ah, inclusive o alemão é muito parecido com o inglês, porque... como é que é? A Europa, é por exemplo bom dia “é cood morning (=guten morgen)”, em alemão, em inglês já é “good morning”, né.

INQ.- Bem parecido!

INF.- Em alemão “guten tag”, é, inglês como é que é? “good afternoon”.

INQ.- Vixi!! Ah!

INF.- Isso. E “good night” é alemão, inglês também tem (inint.) os números também, são parecidos, a pronúncia, por exemplo, da, do vinte pra cima quando pega as dezenas pra cima do alemão você diz primeiro o número que vem depois e depois a dezena, por exemplo o

vinte e dois, vai dizer (zweiundzwanzig), quer dizer dois e vinte. (002/17)

A língua espanhola, atestada pelos informantes pranchitenses (6% e 19%), refere-se ao espanhol falado na Argentina, país limítrofe com Pranchita. Em decorrência da proximidade entre as duas localidades e às semelhanças entre a língua portuguesa e a espanhola, vários foram os arquétipos fornecidos para a questão 07 - *Poderia dar um exemplo do espanhol argentino?* Os modelos mais citados foram os cumprimentos: “*Da Argentina? ‘Hola’* ” (002/1), “*Permisso maestra, buenas tardes, como le va’, quer dizer: “Como é que vai, como que a senhora vai?”*” (002/5); “*Deixa eu ver, ‘buenas tardes’. É como fosse assim ‘boa tarde’* ” (002/8); “*É ‘buenos días’. ‘Como estás’* ” (002/12); “*É: ‘hola, que tal?’ Eles usam bastante, né. ‘Hola, que tal?’* ” (002/14); “*É uma saudação, ‘buenas noches’, boa-noite*” (002/15).

É interessante observar a consciência que os falantes têm sobre a semelhança entre as línguas portuguesa e espanhola e as formas buscadas pelos falantes para facilitar essa comunicação em região de fronteira. Segundo os informantes, os pranchitenses falam uma mistura das duas línguas: o portunhol.

INF.- Aqui na cidade já porque algumas pessoas que vêm da Argentina eles falam. Na verdade aqui é um portunhol.

INQ.- Portunhol?

INF.- É portunhol. As pessoas misturam, inclusive os próprios argentinos misturam um pouco também, né, e nós como não é argentino alguém também tenta imitar. (002/11)

INF.- Eu acho que o espanhol argentino na nossa fronteira aqui tá mais num portunhol. Eles já falam mais parecido com o português, né. Como nós também, o português nosso nós falamos com eles misturamos, né. Então por isso que há mais comunicação, né, mas não é um espanhol mesmo, a língua espanhola mesmo, é mais um portunhol. (002/16)

INF.- Ah, em função de nós morar aqui na fronteira aqui do lado, tem muita gente que fala, eu falo um pouco, alguma coisa em espanhol, é mais como é que é, o portunhol, dá uma misturada no português, mas a gente se entende porque eu tenho duas irmãs que casaram, casaram e estão morando aqui na Argentina. E nós tivemos lá esse final de semana, então passamos lá... três dias, ah, quando vem pra casa você já vem falando (inint.) porque é muito fácil o espanhol. (002/17)

INF.- É as pessoas falam mais devagar as palavras e ele se assemelha muito por ser uma língua de origem latina, tem palavras que no italiano e no espanhol são as mesmas semelhanças. (002/18)

A etnia polonesa também é citada pelos informantes de Pranchita. Segundo Diégues Júnior (1963), os poloneses surgem no cenário brasileiro a partir de 1878, juntamente com os russos, mas o polonês cresceu como grupo específico em 1892, ocupando principalmente o Paraná – região do Ivaí (DIÉGUES JR, 1963, p. 128-129).

No questionário aplicado em Pranchita não havia questões específicas sobre o polonês, porém, durante as entrevistas, notou-se que a presença dessa etnia era significativa naquele ambiente, inclusive com presença de uma colônia na zona rural da cidade, segundo os informantes. O entrevistado idoso de nível fundamental fornece alguns exemplos de palavras em polonês:

INF.- Oh, vamos supor, a... a... mulher em polaco é a “cubita (=kobieta)”, Cubita, é muier. E avó é “bapica (=babcia)”. E o avô é “jader (=dziadek)”. E o filho é... com’ê que é? “Prochatish (=?)”, “prochatish” é o filho. E a casa é “raupa”.

INQ. Caupa.

INF.- Ra-u-pa, raupa, ele já é puxado. Vamos supor pa dizê... “Bom dia”, é “dindober (=dzień dobry)” porque “tindobre” é sombra boa em polaco, então é “dindobe”. E a vaca pra nós, vaca pro polaco é “crova (=krowa)”. E o boi éh...“bic”.“Cavalo” eh... “cuim (=koń)”. A “vaca” é “crova”. “Feio” é “pascurno (=?)”, “pascurno”, qué dizê: “Vamo pra casa”. Ah, “pudim do dumo (=?)”, “pudim do dumo”, “Vamo pra casa”. E pra dizer: “Vamo durmi” “Pudimo espi (=?)”. É, esse é “vamo durmi” (002/5).

Como se pôde verificar, os exemplos fornecidos pelos informantes referem-se a expressões de cumprimento, agradecimento e até alguns palavrões. Pode-se salientar que muitos dos exemplos aqui descritos, principalmente os de origem italiana, podem ser resultado da influência da mídia dentro dos lares brasileiros, principalmente da expansão das novelas com temáticas italianas.

5.2 CONHECENDO AS CRENÇAS DOS PRANCHITENSES

Com base no conceito de crenças como um elemento cognitivo individual, contextual e episódico, focado nas experiências do falante, as seguintes análises versam sobre o conceito de que crenças têm origem na experiência social de cada indivíduo. Dessa forma, pode-se afirmar que as crenças são construções da realidade, são as probabilidades de um conceito e influenciam no comportamento.

5.2.1 Análise A

Neste subcapítulo analisam-se as questões 11 – *Comparando essas línguas: argentino, paraguaio, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?*, 12 – *E quem fala pior? e 13 – Em que lugares você ouve esta(s) línguas ou modo(s) de falar diferente(s)?*. Tais perguntas têm por escopo apresentar marcadores de possíveis crenças dentre as várias línguas presentes em Pranchita e os possíveis locais em que elas são faladas. A figura 6 apresenta os seguintes dados:

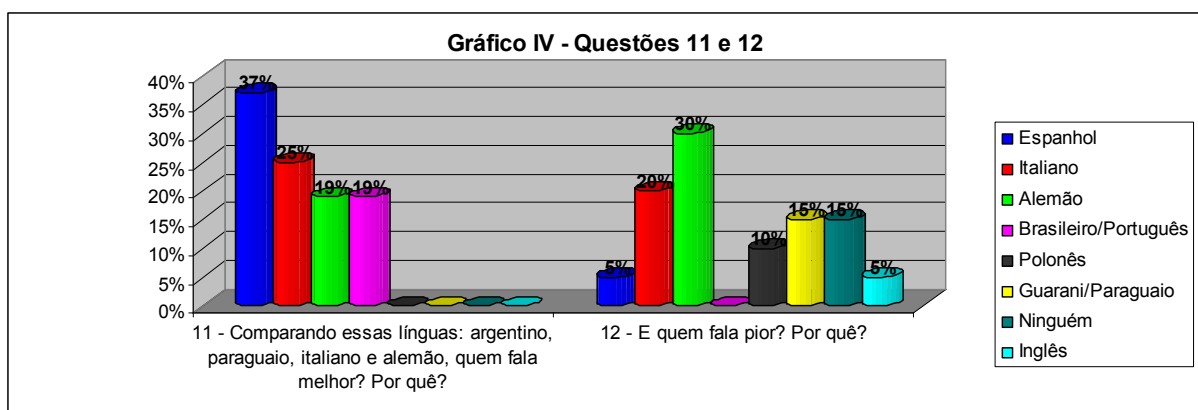


Figura 6 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 11 e 12

A primeira apreciação versa sobre a questão 11, cuja finalidade é identificar as crenças dos informantes frente ao falar da etnia do outro. Vale ressaltar que a

pergunta em questão apresenta dubiedade em sua formulação, pois poderia ser interpretada de duas formas: a) quem fala melhor o português e b) quem fala melhor as outras línguas estrangeiras (italiano, alemão, etc.). Pelos dados tabulados, evidencia-se que houve o segundo entendimento por parte dos informantes.

Dentre as respostas dadas, incluindo todas as citações proferidas pelo entrevistado, verifica-se o predomínio da citação do espanhol como detentor de um melhor falar (37%).

Segundo os próprios informantes, este fator está associado à semelhança entre o português e o espanhol: “Eu acho que é mais fácil de falá, né? É mais parecido com o português” (002/1). “É mais fácil da gente entender porque ele é mais assim... ele veio mais uma, uma árvore do italiano” (002/11). Outro ponto a ser destacado está associado às crenças positivas dos informantes frente ao idioma espanhol: “Eu acho bonito a língua deles, de repente porque a gente... eu digo assim, eu sou parente dos argentinos, então a gente tem uma afinidade com eles” (002/17).

Também se pode destacar o fator identitário em relação aos moradores de Pranchita em relação ao espanhol da Argentina. Conforme os próprios informantes, a cidade foi fundada por Dom Lucca,²⁵ maior comprador de erva-mate da região, que deu o nome da sua filha Panchita à nova cidade. Dessa forma, as crenças e atitudes em relação ao espanhol são positivas, demonstrando a identificação dos moradores de Pranchita com o argentino e sua língua.

Outro fator a ser salientado diz respeito ao comércio argentino. Os pranchitenses relatam que existe uma tradição em que os brasileiros vão à Argentina para fazer compras. Tal afirmação é ilustrada pelos relatos dos informantes:

A gente mora meio perto da Argentina, o pessoal daqui vai muito pa Argentina fazê compras. (002/4)

A amizade começou de a gente indo lá fazer compras, né, porque a gente compra quando a época tá boa de compras lá a gente compra lá. Então há uma amizade de chamar os nomes da gente, conversar,

²⁵ Os informantes citam Dom Lucca como argentino, porém, Wachowicz (1985) e Krüger (2004) relatam que ele era paraguaio.

de trocar informações do país, desde futebol até agricultura, né. (002/16)

[...] mas eu aprendi assim conversando, ir lá comprar cerveja, ir lá comprar farinha e passeando sozinho. Sabe que tá muito bom de comprar cerveja lá, né? R\$ 1,70 o litro (002/17).

As análises permitem destacar que os informantes, por vezes, mesmo ao citar o próprio idioma, dizem que a língua mais bonita é a de outros povos também representativos na localidade, como o espanhol: “Os argentino porque eles vêm pra cá bastante” (002/12); “Mas se você assistir criança da Argentina falá o espanhol, você senta do lado, e você vê, pra vê a velocidade da conversa, os timbre de voz, como é que é o, parece que eles têm mais ginga pra falar.” (002/17).

A segunda variedade mais citada para quem fala melhor é o italiano, com 4 respostas (25%). Segundo os informantes, a cidade de Pranchita convive há muito com essa etnia: “Pra gente entendê é o italiano, acho porque a gente conviveu muito com eles, né?” (002/4). Outros denominam que o idioma italiano faz parte da cultura familiar: “Num sei se é por causa da cultura, é mais reto” (002/10); “Talvez seja um pouco por causa da nossa cultura, né, assim, mas eu acho que é uma fala bonita, eu gosto do jeito que eles falam, da pronúncia, né” (002/14).

Em terceiro lugar, temos a língua portuguesa/brasileira e a língua alemã, ambas com 3 ocorrências cada (19%). Os informantes que forneceram a resposta língua portuguesa ou brasileira relatam que a língua materna está associada à facilidade de entendimento entre seus falantes, assim como explicitado pela informante de baixa escolaridade: “É melhor assim pra gente conversá” (002/6).

O alemão foi citado por 3 informantes como quem fala melhor na localidade. Segundo os informantes, isso está atrelado à crença de que a composição frasal do idioma é mais objetiva que o português: “[...] e essa pronúncia deles define, por exemplo, uma frase deles é mais objetiva do que a nossa” (002/13).

Ainda, dentro dos relatos aqui analisados, podem-se destacar os artifícios utilizados para se referirem ao falar do outro, pois enxergam no falar do outro uma forma mais prestigiosa de comunicação, explicitada pelos advérbios *mais fácil*, *melhor*, *mais reto*, *mais objetiva*, *mais bonita*.

A análise que se segue refere-se ao questionamento de número 12 - *Quem fala pior? Por quê?* tem o objetivo de identificar as crenças negativas em relação aos falantes de tais variedades. Ao todo, foram coletadas 20 respostas distribuídas entre as etnias: alemã (30%); italiana: (20%); nenhum: (15%); paraguaia/guarani: (15%); polonesa: (10%); inglesa: (5%) e espanhola: (5%).

O mais citado como detentor do pior falar, segundo os informantes, são os alemães. Os informantes explicitam que a língua alemã é de difícil compreensão e pronúncia: “Ah, pra mim o alemão é mais difícil de entender” (002/5); “Eu acho que o alemão, ele é uma língua de pronúncia difícil, né, e não soa bem no ouvido da gente” (002/7).

Como segunda incidência, tem-se a língua italiana, com 20%. Tal fato configura-se como interessante, pois na questão 11, cujo objetivo era averiguar quem fala melhor, 25% citaram a língua italiana. Porém, o fato de os italianos falarem pior para 20% dos entrevistados está associado a uma variedade brasileira da língua italiana falada na Itália. Segundo os informantes, o italiano falado em Pranchita não é o legítimo, pois se trata de um dialeto: “Eu acho que os italianos falam errado no sentido assim de... por causa que eles falam o dialeto” (002/18); “[...] falam mais errado porque tem várias, várias linhas do italiano” (002/16).

Pode-se destacar a presença de atitudes neutras em relação a quem fala pior na localidade com 3 ocorrências (15%), relatando que ninguém fala errado em Pranchita. O motivo dessa neutralidade de atitudes, porém, não foi em nenhum dos casos explicitada pelo informante nem averiguada pelo inquiridor.

Com 15% das respostas, temos como detentor do pior falar, segundo os pranchitenses, os paraguaios/guaranis, o que está atrelado a dificuldades de entendimento linguístico: “É mais difícil de entender o guarani” (002/11); “Eles falam coisas e eu num entendo nada que eles dizem” (002/02).

Com duas ocorrências, tem-se o polonês para o pior falar (10%). Os entrevistados relatam que tal fator está atrelado à dificuldade de entendimento assim como o alemão: “Pior? O polonês. O polaco, mais difícil, é difícil entender mesmo o que eles conversam” (002/6). O polonês foi citado pelo informante masculino de baixa escolaridade, que relata que a língua é difícil de entender assim como o alemão (002/5).

Já o inglês foi relatado pela informante de baixa escolaridade, porém, vale destacar que a informante refere-se ao aprendizado da língua: “[...] a língua aqui a mais pior [...] que era pra mim fazê aula, também num fiz... O inglês, o inglês é mais difícil aqui pra nós” (002/6).

O espanhol foi citado pela informante jovem com ensino médio (002/8), que relata que a língua espanhola é difícil justamente pela semelhança com o português, apesar de se tratar de uma pronúncia mais rápida.

Quando questionados: *13 – Em que lugares você ouve esta(s) línguas ou modo(s) de falar diferente(s)?*, os informantes relatam que os lugares mais comuns são as festas típicas realizadas na região, as casas/bairros e no interior/zona rural:

Festas típicas

INF.- Assim de fala diferente, dos italiano, essas coisa? É porque direto festa dos italiano, tem direto festa deles aí, aí então eles fazem festa e o pessoal vem de fora, daí todo mundo fica... porque a maioria daqui é tudo italiano Pranchita quase.

INQ.- Fica aquela falação de italianada, né?

INF.- É, mas eu num entendo nada que eles dizem, sabe? Só quem mesmo entende o que eles falam. E aqui tem bastante italiano, nossa! (002/2)

INF.- Tem aqui sim, aqui tem bastante sim, uh! cada cerimônia: “Vamos manhã a polenta (=mangiare polenta)” (risos) (002/6).

INF.- É italiano, você percebe a diferença de palavras, quando você vai em festas, aonde (inint.) você vai aqui na São Roque, você vem pra casa rindo, vendo a diferença, o jeito deles falar, é uma coisa muito bonita, levando em consideração que é o sotaque deles. (002/17)

Nas casas, nos bairros

INF.- Eu ouço mais assim quando tão reunido, as dona de casa tomando seu chimarrão, que tão em casa, aí vem a vizinha, né, que daí vem aquele grupinho de duas, três mulher, daí elas falam bastante. (002/10)

INF.- [italiano] (inint) nas casas é, quando eu se acho nos descendentes antigos.. É inclusive nós é, eu participo dum grupo Contente de Vivere. E, do grupo tamo gravando, a nosso, cd já saiu, né, agora o...

INQ.-É de música?

INF.-Sim.

INQ.-Como é que chama o grupo?

INF.- Contente de Vivere.

INQ.- Contente de Vivere (inint).INF.-Contente de viver. É bom vive, Contente de Vivere. É bom, e já faz quatro anos (inint)... (002/12)

INF.- Eu acho que no grupo de idosos, a gente escuta bastante, que às vezes eu faço trabalho com os idosos a gente escuta bastante eles fala em italiano, né, e nos bares, às vezes também que a gente encontra assim, mais o pessoal mais velho, senhores assim, né, e no caso de vó, de vô essas coisas assim, a gente vê também, né, alguma coisa a se falá, do italiano. Do espanhol, eu atendo, espanhóis no consultório, que são aqui da Argentina, né, então eu acabo escutando toda semana eles falá, eles falam em espanhol, né, é meio portunhol assim eles tentam falá o mais claro possível pra gente entendê, mais daí fica bem fácil pra gente entende, eles acabam por ser também da fronteira, eles acabam tendo uma forma bem fácil da gente compreendê.

INQ.- Entendi. Então o italiano que você ouve vem mais de pessoas de idade.

INF.- Jovenzinhos já não falam.

INQ.- Não se interessam.

INF.- Não se interessam, perdeu-se, né. (002/14)

No interior, zona rural

INF.- Lá nos interior acho que é mais fácil. Aqui também tem, mas já é mais difícil, assim... tem alguns lugares que tem, mas no interior é mais fácil de encontrar. (002/4)

INF.- Tem, tem pessoas que moram no interior. Seriam comunidades, mas mais seriam eles falam mais italianos que nas relações de familiar e amigos próximos... familiar e amigos próximos. (002/18)

5.2.2 Análise B

As análises que se seguem abordam as questões 14 - *Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?*; 15 - *Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?*; 16 - *Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?* e 17 - *Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?*

Vale ressaltar que estas questões apresentam dubiedade do ponto de vista interpretativo, pois, inicialmente, o objetivo da pergunta era averiguar quais etnias parariam de conversar se alguém diferente se aproximasse, demonstrando uma atitude de desconfiança. Porém, durante a coleta dos dados, pode-se perceber que para alguns informantes, o fato de parar de conversar na presença de alguém que não entende outra língua demonstra educação.

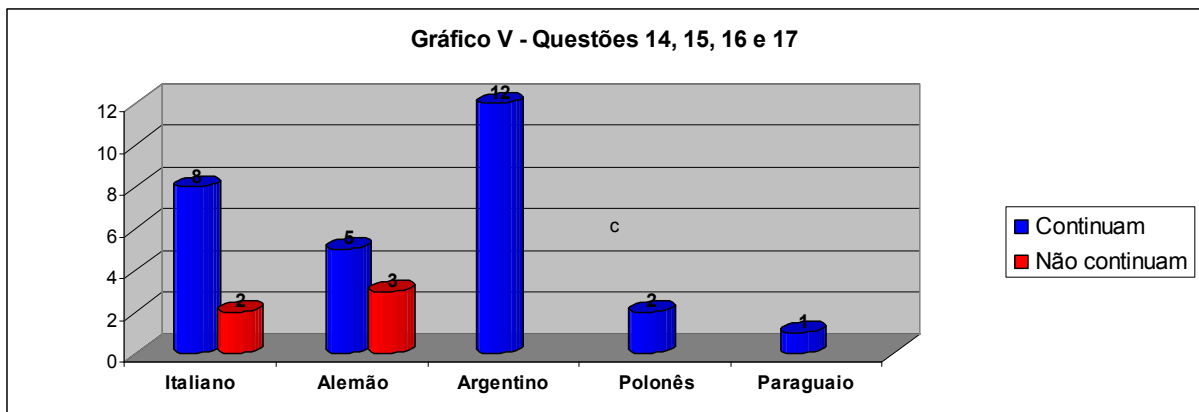


Figura 7 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 14 a 17

Em relação aos italianos, 8 respostas citam que eles não se importam com a chegada de um estrangeiro. Em contrapartida, houve duas ocorrências relatando que os italianos não continuariam sua conversa caso chegasse um representante de outra etnia. Nessa questão, pôde-se evidenciar a presença de algumas crenças positivas em relação aos descendentes de italianos.

INF.- Sim. Eles não fazem assim discriminação, porque, por causa que a gente é outra, tem a outra língua ou não co... ou não entende eles não, até eles falam o português, eles falam o italiano e já, eles passam já também eles passam a traduzi o que 'tavam dizendo de italiano para o brasileiro, pra gente entende e num fica aquela coisa de não saber o que é que tavam dizendo. (002/10)

INF.- Eu acho... num sei, acho que eu nunca pensei nisso assim, nunca tive nenhuma situação específica que eu sinto diferença por isso, né, mas eu acho que como é a maioria das pessoas idosas que falam a língua, às vezes eles têm um jeito mais truncado se ser, né. Então às vezes parecem ser mais duros, né, os avós a gente vê assim até na expressão de falar com as pessoas, às vezes parecia um xingamento, então parece que tem essa postura um pouco mais

dura, um pouco mais forte talvez no relacionamento com os outros, né.

INQ.- Por que é por causas da idade, né?

INF.- Da idade também, né, e acho que da cultura mesmo, talvez seja cultura italiana e também da idade, né, que.... (002/14)

Pode-se observar que os informantes relatam que o povo italiano é educado e, dessa forma, os falantes param de falar o italiano quando chegam pessoas de fora. No entanto, os informantes relatam que é difícil encontrar um descendente de italiano falando na língua de seus ancestrais porque, segundo a informante jovem com ensino superior, a questão da proibição por meio do Decreto-Lei 383 (BRASIL, 1938) marcou os imigrantes e suas famílias de tal maneira que o italiano é apenas falado dentro dos lares:

Eles param. Eles respeitam mais. Não é questão de desrespeito, mas eu acho que já vem dentro da formação deles, porque quando eles moravam no Rio Grande do Sul, que houve aquelas revoltas, tudo, eles eram proibidos a falar italiano. E quando chegava pessoas estranhas eles já paravam de falar a língua, de medo e de repente já ficou na raiz, né, eu penso que seja isso, mas eles param. (002/16)

Os dados contidos na figura 7 mostram que houve cinco ocorrências dizendo que os alemães não se preocupariam com a presença de estranhos e continuariam a conversar. Em contrapartida, três informantes apontam que os alemães são reservados e parariam de conversar.

O informante jovem com ensino médio corrobora as crenças negativas em relação aos alemães:

Tipo. Ele não falavam assim se tu chegasse, ele era tudo meio loco, né, aqueles alemão lá, fala a verdade, né, ai eles o sistema deles é bem diferente, né, do que, das outras pessoas, dava pra se notar lá, né, que muitas coisas que eles tinham, não era todos que tinham, né, o sistema deles, era todo sistema, né que nem você, quem é da roça, toda família quase traz um sistema, né, de vez de no cultivo, nas coisas, né, cada família aprendeu de um jeito, posse sim dizer, né, e daí vai aprendendo mais, vai indo, mas é, basicamente eles tinham bastante diferença assim, na, como cuidar dos animais, em vez disso, coisa assim, né, algumas coisas que diferenciavam eles dos

outros, mas não que eles quisessem ser diferente, né, era o jeito deles, é o jeito deles, porque o veio é alemão mesmo. (002/7)

Tal crença negativa pode estar associada à própria forma de se organizar em sociedade dos povos germânicos, diferente dos romanos. Segundo Diégues Jr. (1963), a diferença entre os dois povos acentua-se principalmente em decorrência de os alemães terem se constituído inteiramente em colônias isoladas espacialmente. A família teuto-brasileira optou por manter, o quanto possível, a mesma organização familiar do país de origem, e por isso mostram um caráter mais reservado (DIEGUES JR, 1963, p. 125).

O argentino obteve maior índice de respostas: 12 ocorrências. Segundo os informantes, a facilidade com a língua ajuda a manter um diálogo entre os brasileiros e argentinos. Verifica-se a crença positiva em relação ao falar argentino no seguinte enunciado:

Tu sabes que nós vamos muito passear na Argentina, até hoje, inclusive eu tenho sobrinhos, sobrinhas minha lá que já tem neto, então é... faz anos, faz pelo menos quarenta anos que tão morando lá, nesses quarenta anos a gente vai uma vez por mês, duas vezes, três vezes por ano, passeia, fica oito, dez dias, aquela história, acampa lá com eles, convive lá com eles em todos os momentos, eu acho que eles são muito educados, eu se fosse é de ir ter que morar juntos com eles eu ia sem titubear, nunca tivemos em momento algum, que a policia, faz assim como a polícia rodoviária nossa, faz blitz, faz paradas, né, nas bê érres (= BRs), você estando em dia é a mesma coisa de você estar em dia no Brasil, não tem problema. Te tratam muito bem, te orientam tudo de acordo, então eu não tenho o porque dizer que eu não iria morar com eles. (002/17)

Dois informantes citam que os poloneses continuariam a conversar mesmo com a presença de um estranho. E uma resposta diz que os paraguaios também não parariam sua conversa se alguém se aproximasse.

5.2.3 Análise C

As análises referem-se às questões 18 - *Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?*, 19 - *Essas línguas são feias ou bonitas?*, 20 - *Qual é a mais bonita?* e 21 - *E a mais feia?*

A questão 18 tem por função verificar a crença positiva ou negativa dos pranchitenses em relação à língua portuguesa ou às outras línguas presentes na cidade. Foram obtidas 17 respostas que identificam a língua portuguesa e a espanhola como as melhores línguas: 88% dos entrevistados acham a língua portuguesa a mais bonita, uma vez que se trata da língua materna dos moradores e, conseqüentemente, a língua utilizada para a comunicação entre eles. “O português? Ainda é o falante melhor.” (002/2); “Acho que é melhor, tem mais facilidade também” (002/4).

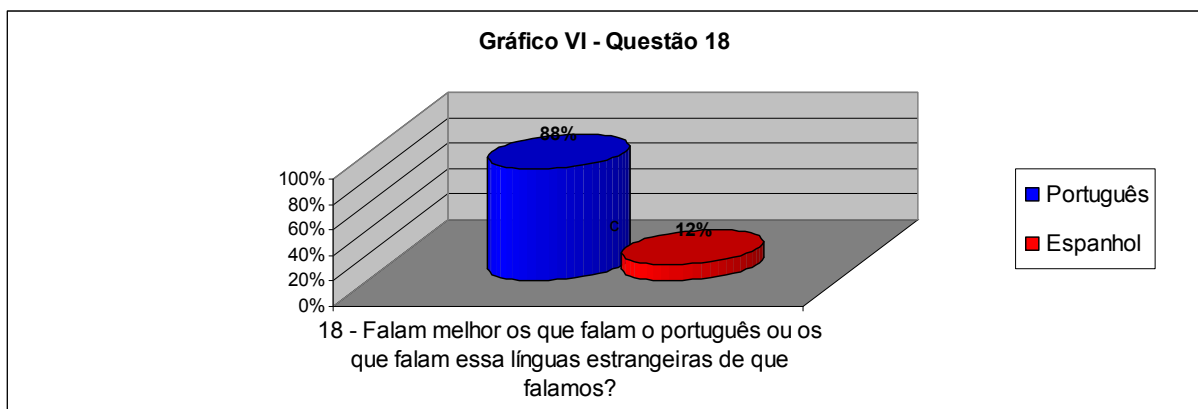


Figura 8 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questão 18

Os informantes reconhecem a dificuldade em aprender a língua portuguesa, mas, mesmo assim, apresentam crenças positivas em relação à língua materna:

INF.- Não, eu acho que quem fala o português, aqui. Apesar do português ser uma das línguas mais difíceis. Inclusive na segunda guerra os alemães queriam usar ela como código secreto.

INQ.- (risos) Realmente, a língua portuguesa é um código a ser decifrado, é uma língua muito complexa.

INF.- Mas eu acho que ainda nós, pela quantia de professores, de

peessoas que estudaram aqui, né, tem muita gente formada em letras, a cultura, o... aqui nós estamos falando muito bem até, por sinal. (002/11)

Em contrapartida, 12% dos informantes acreditam ser o espanhol a língua que falam melhor. As justificativas estariam na própria semelhança entre o português e o espanhol: “Óia, eu pra mim, o que fala melhor é o espanhol e o português, essas duas línguas são as língua mais preferida, que eu conheço no final é essas duas língua, são as língua principal” (002/5).

Em seguida, solicitou-se que os informantes dissessem se essas línguas estrangeiras presentes na localidade eram feias ou bonitas: 19 - *Essas línguas são feias ou bonitas?* Não houve crenças negativas, apenas positivas e neutras: 87% dos entrevistados acreditam que essas outras línguas presentes em Pranchita são bonitas; 13% relatam que esse fator depende muito da palavra ou da expressão.

A partir dessa questão, solicitou-se aos falantes que relatassem 20 - *Qual é a mais [língua] bonita?* e 21 - *E a [língua] mais feia?*, obtendo-se 16 ocorrências, somadas as primeiras e as segundas respostas.

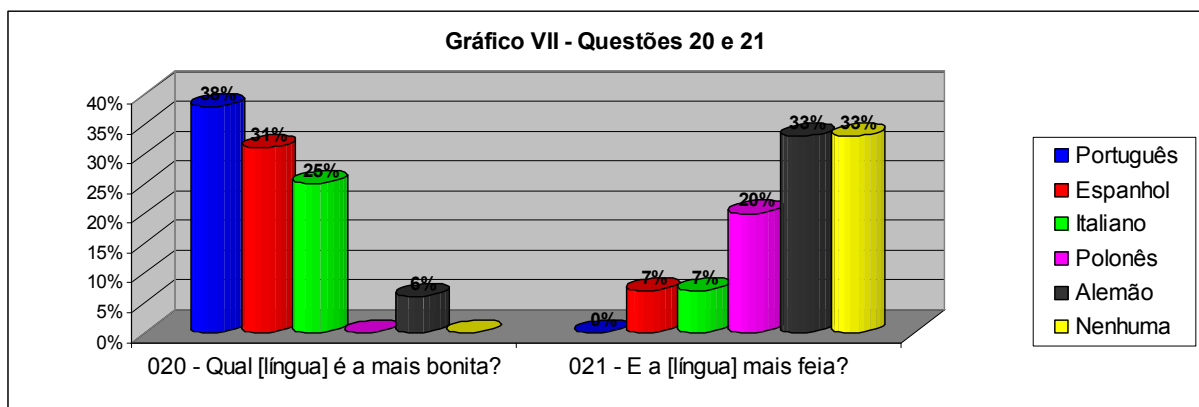


Figura 9 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 20 e 21

A língua mais bonita indicada pelos informantes foi a materna, no caso, a língua portuguesa, com 38%. Logo em seguida, vem a língua espanhola, com 34%; o italiano, com 25%; e o alemão, com 6%. Verifica-se, novamente, a crença positiva em relação à língua portuguesa, em detrimento das outras línguas.

Joshua Fishman (1995) atestou fato semelhante nos poloneses imigrados para a Austrália durante a Primeira Guerra Mundial, em relação à língua inglesa. Fishman diz que os “polacos” imigrados identificavam-se fortemente com a língua inglesa falada na Austrália e que, inclusive, os “velhos” avaliavam positivamente o inglês, mesmo que não soubessem falar a nova língua. Os jovens, segundo o autor, aprendiam o inglês rapidamente para integrar os grupos sociais, mas também avaliavam a língua materna positivamente.

Pode-se concluir que o fato de um imigrante ser introduzido em outro país, com diferentes costumes e outras línguas não o faz, necessariamente, avaliar negativamente a nova realidade. Essa afirmação pode ser evidenciada por meio dos seguintes relatos:

INF.- É, tipo eu não troco o português, né, mais eu acho bonito o italiano, o alemão eu não acho muito bonito assim que nem eu te falei, né, porque é mais complicado de você, né, tipo, entende, o modo de falar, alguma coisa assim.

INQ.- Por que você prefere o português?

INF.- Porque é o que eu sei um pouco, né, o que a gente sabe mais no caso. (002/7)

INF.- Olha, sendo por causa que eu tenho costume, vim dessa, aprendi as primeiras palavras, eu gosto mais do português.

INQ.- Do português. Então o português é mais bonito que o italiano?

INF.- Pra mim é, né? Por que a gente tem aquela cultura e a gente vê muito falá sobre que num pode havê discriminação, que já os brasileiro são os nato do Brasil, essas coisas, eu acho que é por isso que eu gosto muito do brasileiro, gosto muito de sê, de tê essa minha raça de brasileiro mesmo, eu sou brasileiro, né, tem muita pouca mistura de italiano, mas eu gosto de ser assim, pretinha assim. (002/10)

Expresso pelos dados e corroborado pela fala dos informantes aqui transcritas, há um sentimento muito forte de pertencimento ao Brasil: “não troco o português”; “sou brasileiro”. Esse sentimento de pertencimento pode ser interpretado como uma crença individual e, ao mesmo tempo, coletiva, pois os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade. Esse pertencer expressa valores, medos e aspirações.

A segunda língua mais citada foi o espanhol, com 34%. Tal fator, como salientado anteriormente, refere-se à própria identidade dos pranchitenses. As crenças relacionadas ao país vizinho – Argentina – são positivas e com demonstrações de apreço pelos vizinhos argentinos.

INF.- Tu sabe que, o português eu amo o português, não fiz português porque minha tendência era outra, minha esposa é professora de português, eu gosto muito do português. Mas se você assistir criança da Argentina falá o espanhol, você senta do lado, e você vê, pra vê a velocidade da conversa, os timbre de voz, como é que é o, parece que eles têm mais ginga pra falar...(risos)

INQ.- De tão bonito!

INF.- Eu acho bonito, a língua deles, de repente porque a gente, eu digo assim, **eu sou parente dos argentinos**, então a gente tem uma afinidade com eles. Inclusive no final do ano quando minha mãe faz aniversário, vem todo o pessoal da Argentina, oito, dez dias por aqui acampado.

INQ.- Delícia, né! Que bom! (002/27 – grifo nosso)

Aqui se pode destacar que o identitário pranchitense com a língua espanhola atua juntamente com o fator consanguíneo, ou seja, o grau de parentesco opera como importante nas atitudes frente ao argentino. Como explicitado no relato anterior, casamentos interétnicos são comuns entre habitante de Pranchita e San Antonio.

Em terceiro lugar, como língua mais bonita, tem-se o italiano. Segundo os informantes, a predileção está relacionada à língua dos ancestrais, dos primeiros imigrantes provenientes das mais variadas regiões da Itália. A informante jovem com nível superior apresenta uma reflexão interessante quanto à formação das línguas italiana e portuguesa, provenientes do latim:

INQ.- E o italiano você acha que é mais bonita, por quê?

INF.- Eu acho, porque ela se comunica de forma assim mais original, já vem do latim, é uma língua mais original, penso que ela seja... né, além da minha nacionalidade que eu sou descendente, né. Então a gente tem sempre que puxar um pouco, né, **no sangue**. (002/16 – grifo nosso)

Em quarto e último lugar, temos uma citação para o alemão como língua mais bonita, proveniente do informante 02/12. Segundo ele, o alemão é uma língua “mais firme”.

Com o intuito de verificar as crenças e atitudes negativas quanto aos diferentes falantes presentes em Pranchita, solicitou-se que os informantes apontassem 21 - *E a [língua] mais feia?* O maior índice de rejeição é referente ao alemão (33%). Os relatos coletados registram que a rejeição está atrelada, sobretudo, à dificuldade de entendimento em relação ao idioma alemão.

É interessante observar que o mesmo percentual de rejeição registrado para a língua alemã também foi encontrado para as atitudes neutras, ou seja, 33% dos entrevistados responderam que nenhuma língua é feia. O relato do informante de nível superior registra essa atitude neutra, de não comprometimento com a pergunta:

Não, porque as pessoas não gostam das coisas quando não conhecem, daí eu não posso achar feio uma coisa que eu não conheço, que de repente se eu vou conhecer e eu vou praticar, eu vou acabar gostando com certeza. (002/17)

Vale ressaltar que este informante é descendente de alemão e, talvez por esse motivo, mantenha uma atitude de neutralidade frente à questão.

Com 24% das atitudes negativas tem-se o polonês, cuja língua também é tida como de difícil compreensão assim como o alemão. No entanto, quando solicitado aos informantes que dissessem o porquê dessa atitude negativa frente ao polonês, observou-se uma atitude negativa beirando à neutra:

Não digo que seria a mais feia, né, porque não existe mais feio, cada cultura tem a sua língua, sua língua própria, e essa língua, ela é bonita, ela é importante, pra comunicação, né, então eu acho assim a que eu teria mais dificuldade em aprender, eu acredito que seja o polonês. Mas eu acho que não que seja a mais feia e sim a mais difícil pro meu ver, né, pra mim aprender. (002/16).

A língua italiana obteve 7% do percentual de rejeição, ou seja, dentre os 17 informantes apenas um, o falante 002/5 descendente de espanhóis, avaliou negativamente o italiano. É interessante observar a justificativa desse informante que toma o italiano como o pior falar:

INF.- A mais feia é o italiano.

INQ.- Por que o senhor acha?

INF.- Por causa de muitas palavras que ele diz, ele acha que pr'eles num é... num é, vamo supor, uma palavra feia, ofensiva e a gente meditano bem a gente vê onde que tá o erro. Então pra mim é a língua mais... eh... **diviria de não existi no mundo**, porque tem o italiano da Itália, aquele já é diferente desses daqui.

INQ.- É diferente?

INF.- É deferente, bem deferente. É difíci pra senhora compreendê e num sai tanta, tanta abobrinha, vamo supor, de sabê daquelas palavra ofensiva, não, a palavra deles é real, só que o sutaco deles é outro, num é que nem esses daqui. Ó cê vê um italiano lá da Itália chegá aqui com **esses italiano daqui, eles se perde, é igual o gavião entrá num bando de quero-quero, eles querem** (inint.) **falá**. Então já o idioma deles aqui já é deferente daqueles lá, lá é o italiano verdadeiro da Itália. Então lá eu acho muito bunito a... o sutaco da fala deles e a real é difíci alguma palavra meio fora do ritmo, é muito difíci, então pra mim é o italiano verdadeiro da Itália. (002/5 – grifo nosso)

Pode-se verificar neste excerto transcrito, a atitude estritamente negativa do informante de nível fundamental, com idade entre 51 a 70, para com a língua italiana, tanto que ele relata que o “italiano não deveria existir no mundo”. Também é importante destacar que, nesse contexto, a língua italiana, segundo o informante, confunde-se com o próprio falante, uma vez que o entrevistado cita “esses italianos”, ou seja, os italianos de Pranchita que tentam imitar o “verdadeiro italiano”, mas parecem “um gavião [...] num bando de quero-quero”, uma vez que não conseguem.

A língua espanhola/argentina também obteve uma citação (7%). Da mesma forma que o informante de número cinco confunde língua-povo-falante em relação à língua italiana, a informante de número quatro (de 31 a 50 anos, com ensino fundamental) refere-se ao argentino como pior falar, e não o espanhol.

Por meio das atitudes negativas presentes nos relatos, é oportuno o comentário de Fishman (1995) sobre a atitude em relação ao grupo que se traduz na rejeição à língua e vice-versa:

A língua não é somente um meio de comunicação entre os homens, nem só um meio de se influenciarem reciprocamente. Ela não é unicamente 'portadora' de um conteúdo que não seja expresso ou manifesto – mas ela é por ela mesma um conteúdo. Ela é um meio de se exprimir a amizade ou animosidade, ela é um indicador da posição social e das relações entre pessoas. Ela determina as situações e os sujeitos, os fins e as aspirações de uma classe bem como o importante e vasto domínio da interação que dá a cada comunidade lingüística sua característica particular. (FISHMAN, 1995, p. 168)

5.2.4 Análise D

Aproveitando-se das atitudes negativas coletadas na questão anterior, foram realizadas as seguintes perguntas do questionário: 22 - *Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Pranchita?* e 23 - *Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?* Os percentuais foram:

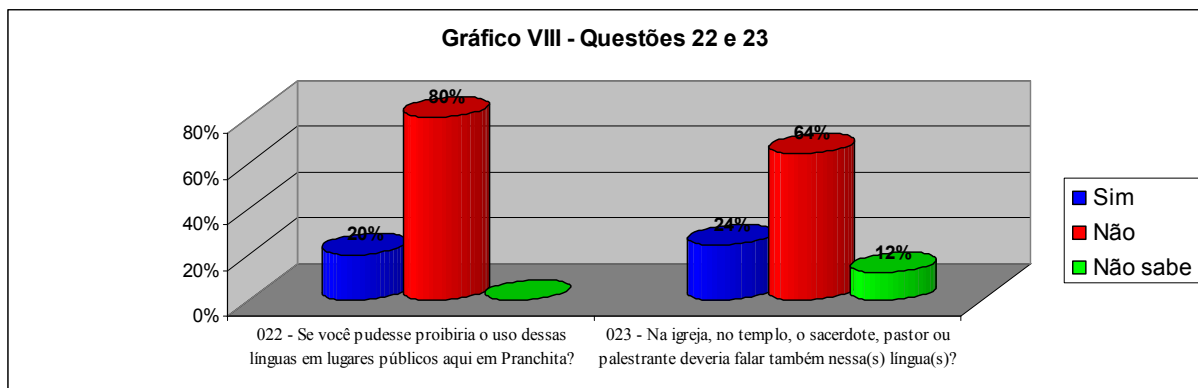


Figura 10 – Crenças lingüísticas dos pranchitenses, questões 22 e 23

80% dos informantes disseram que não proibiriam o uso dessas línguas estrangeiras (espanhol, italiano, alemão, polonês) em Pranchita. Em contrapartida, 20% relatam que proibiriam o uso dessas línguas na cidade. As justificativas para essas proibições são provenientes da falta de entendimento que essas várias línguas provocariam entre falantes e não falantes.

Na questão subsequente, foi perguntado se o palestrante de uma igreja (padre, pastor, sacerdote) deveria falar essas línguas estrangeiras durante cultos, missas, palestras: 64% dos entrevistados dizem que o palestrante não deveria falar em línguas estrangeiras, uma vez que os ouvintes não entenderiam; 24% acreditam que os padres e pastores deveriam sim falar em outras línguas; 12% relatam não saber opinar sobre se o padre ou o pastor deveriam celebrar em outros idiomas e preferiram abster-se.

INF.- Se eu acho que deveria? Num sei. Eu acho, eu acho que não. Eu acho [...] que as outras pessoas não iriam compreender daí, né, eu acho que é muita gente, são algumas pessoas que falam, então de repente assim o que deveriam as pessoas que falam deveriam se reunir, ter grupos, né, de passeios, de visitas, mais específicos pros grupos que já falam a língua, né. Agora um padre que se atende um número grande de pessoas, né, que é um lugar público, se você também for falar só a língua essa também é uma forma de discriminação, né? (002/14)

INF.- Eu acredito que não, porque o povo não está preparado com todas, todas as línguas, então fica complicado, porque a celebração religiosa, indiferente da religião, a gente tem assim, para ter um contato, uma troca, né, e se você for que você não entende, não tem um objetivo daí, mesmo que você vai para a celebração, mas eu acredito que não ia funcionar muito bem, porque quando nós, quando celebrava a missa só em latim, muito o povo não entendia o que eles falavam. Daí ficava assim no ir por ir, pela obrigação de ir à igreja. Ao ir ao templo, né, qualquer que seja a religião. **Então eu acho que tem que ser o português mesmo, porque é a nossa língua que nós temos que preservar. Ela é mais importante para nós, né, as outras são importantes, mas para nós, nós temos que permanecer com o nosso português,** embora que nós já temos uma mistura de todas as línguas, que isso faz um crescimento, mas, eu acredito que tem que manter a nossa, o português, valorizar o nosso, né. (002/16 – grifo nosso)

Percebe-se novamente, neste excerto, o sentimento de pertencimento ao Brasil, salientado pelo uso da língua portuguesa como língua franca dentro de Pranchita. Tal fator expõe um forte sentimento de identidade, de apreço para com o “ser brasileiro” e esse “ser brasileiro” pressupõe falar a “língua brasileira”.

5.2.5 Análise E

As perguntas que se seguem têm por finalidade, além de verificar as crenças dos informantes, analisar a preferência linguística no contexto escolar pranchitense, uma vez que a localidade faz fronteira com um país hispanofalante e se formou pelo encontro de muitas famílias descendentes de imigrados europeus. As questões são 24 - *A escola deveria ensinar essas línguas que você ouviu aqui? Qual delas? Por quê?*; 25 - *Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?* e 26 - *Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?*

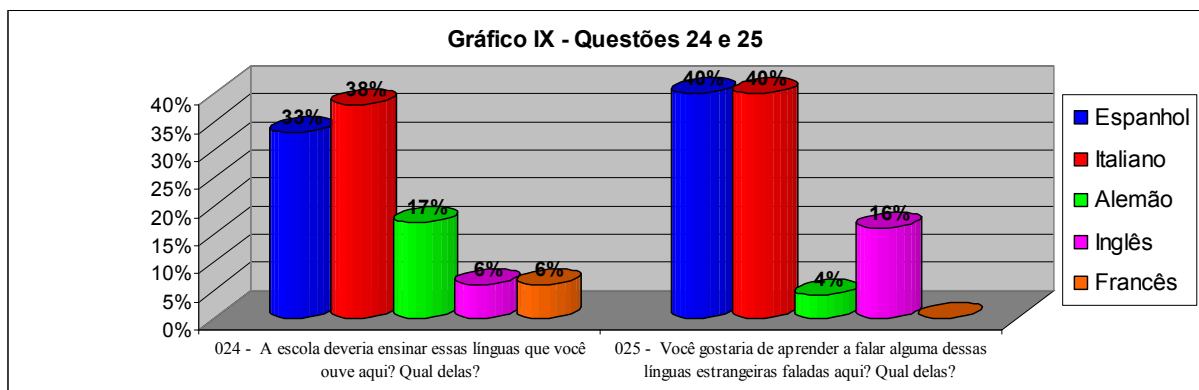


Figura 11 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questões 24 e 25

Pode-se observar que o ensino de italiano é citado por 38% dos informantes como a língua que a escola deveria ensinar e por 40% como a língua que gostariam de aprender. Tem-se a língua espanhola com 33%, indicando que a escola deveria adotar essa língua em seu currículo e, também, 40% dos informantes afirmando que gostariam de aprender essa língua.

É importante destacar que esses dados demonstram um problema grave no Brasil no que tange ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira em contexto escolar público. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (BRASIL, 1996), cada escola terá livre escolha para optar qual língua será ofertada dentro do currículo:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Apesar de a LDB mencionar que a comunidade é que deverá escolher a segunda língua ensinada em contexto escolar, esbarra-se em um problema já antigo: o inglês como língua hegemônica, símbolo do poder, da tecnologia e do comércio. Desde a década de 80, o inglês é ensinado (ou, pelo menos, se tenta ensinar) nas escolas públicas brasileiras. Tal fato é justificado por ser o inglês um tipo de *língua franca* utilizada em todo o mundo, haja vista a visibilidade que os Estados Unidos apresentam perante a economia mundial.

Porém, como prevê a LDB, a segunda língua ensinada na escola deve ser focada nas necessidades de cada comunidade, ou seja, a escola tem autonomia para optar por determinada língua. Entretanto, a grande maioria das escolas oferece o inglês em sua grade curricular, independentemente da necessidade real de dada comunidade. Este é o caso de Pranchita: o inglês é ensinado como segunda língua nas escolas e o espanhol é apenas “oferecido” em nível de CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, cujo número de vagas não chega a 40.

Transcreve-se, a seguir, a opinião de um dos informantes quanto à “obrigatoriedade” da língua espanhola nas escolas a partir de 2010, instaurada pelo Governo Lula:

E eu sou contra também a lei do governo federal de implantar o espanhol como obrigatório no Brasil. Por que? Como obrigatório? Nós temos que conhecer todas as línguas, mas não como obrigatório, porque a gente tem que ter contato com outras línguas para o crescimento, para a troca de culturas, mas não como obrigação, porque os outros países não colocam a língua portuguesa como obrigatório. E porque que na América do Sul, nós somos o único país que temos que impor as coisas? Eu não concordo com isso, sabe, com a opinião dele, acho que tem que ser ensinado sim, dar oportunidade para os educandos aprender outras línguas sim, mas não como que dizer assim: “é obrigado”, né, porque eu não acredito assim que seja dessa forma, porque lá tanto na Argentina quanto no Paraguai quanto Uruguai, todos, a Venezuela, a Colômbia, todos os nossos... da América do Sul aqui, não temos como obrigatório a língua portuguesa, e nós temos o intercâmbio, né, o Mercosul da mesma forma. Então eu acho assim que o nosso presidente se exaltou demais, se empolgou demais com o Mercosul

e já jogou uma lei que... que não... porque para nós aqui da fronteira tudo bem, o espanhol é muito importante, mas vai no norte do país... né. (002/16)

Ainda nesse aspecto educacional, tem-se a questão 26 - *Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?*, com o intuito de verificar se os habitantes de Pranchita estudaram, em nível escolar, alguma das línguas presentes na localidade.

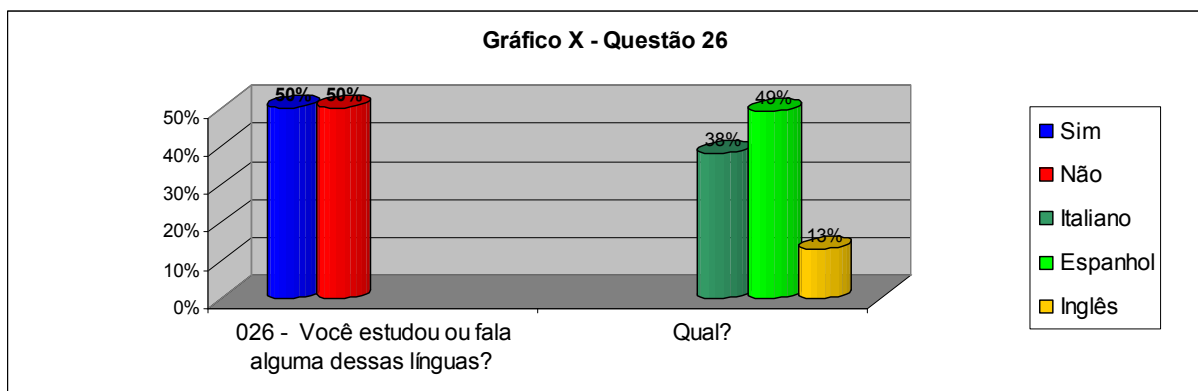


Figura 12 – Crenças linguísticas dos pranchitenses, questão 26

Os índices ficaram divididos entre 50% dos informantes que estudaram uma língua e 50% que não tiveram a oportunidade de estudá-la. Dentre os que relatam terem estudado uma língua estrangeira, pode-se verificar que 49% sabem o espanhol; 38% o italiano e 13% o inglês.

Em linhas gerais, podem-se evidenciar as crenças positivas destinadas à etnia italiana e Argentina. Em contrapartida, os informantes avaliam negativamente os alemães e sua língua. Há também uma evidente neutralidade por parte dos informantes no que tange as crenças negativas.

Pode-se constatar que as crenças negativas em relação aos que falam diferente não são explícitas, mas veladas e dulcificadas mediante alguns artifícios linguísticos. O informante, para não relatar que o outro fala *feio* e *errado*, faz uso dos advérbios 'mais' e 'meio', com a intenção de amenizar o impacto que o adjetivo posterior iria provocar: *mais difícil*, *mais pior*, *mais ligeiro*, *meio complicado*, *meio errado*.

5.3 DESVENDANDO AS POSSÍVEIS ATITUDES

As perguntas aqui inseridas atuam como super-reveladoras do ponto de vista sociolinguístico, uma vez que verificam as atitudes dos pranchitenses, ou, como mencionado por Lambert (1972, p. 82), “uma tendência para reação”. As atitudes explicitadas pelos informantes acerca de uma língua são reflexos da avaliação do *status* e das características sociais do falante, ou seja, a língua é confundida com o próprio usuário.

5.3.1 Análise A

As questões analisadas são: 27 - *Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?*; 028 *Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios, você compraria?*; 30²⁶ - *E se lá só morassem alemães, você compraria assim mesmo?*; 31 - *E se lá morassem apenas italianos, você compraria assim mesmo?* e 31A – *E se lá morassem apenas poloneses, você compraria assim mesmo?*

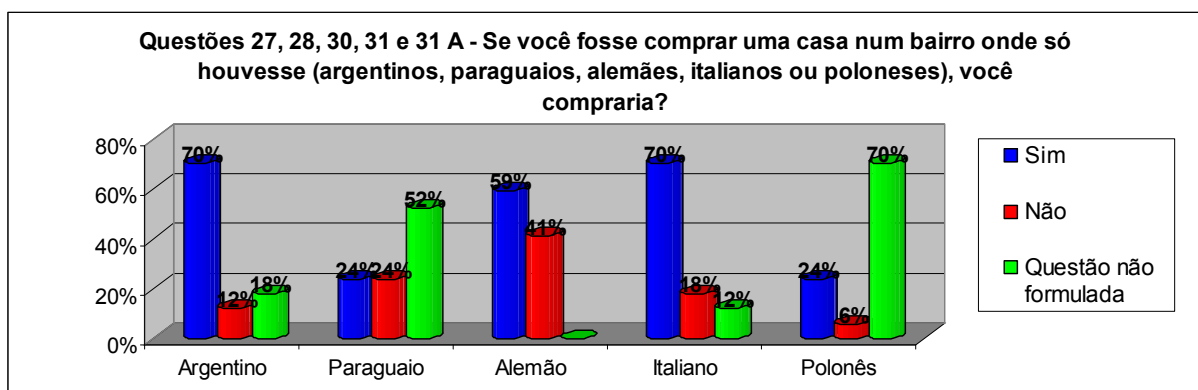


Figura 13 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 27 a 31A

²⁶ A questão de número 29 foi retirada, uma vez que continha o mesmo conteúdo da pergunta 027 - E se lá só morassem argentinos, você compraria assim mesmo?

Como explicitado pela figura 13, o argentino é tido como melhor vizinho com quem conviver no mesmo bairro: 70%. Em contrapartida, 12% dos informantes não gostariam de habitar um bairro onde só houvesse argentinos.

A etnia paraguaia obteve o mesmo índice de aceitação e de negação, por parte dos pranchitenses: 24% morariam em um bairro paraguaio e 24% não habitariam um local no qual morassem apenas paraguaios.

Diferentemente do que acontece na fronteira de Pranchita e Argentina, onde as relações de comércio entre as duas localidades são amistosas, a região de fronteira entre Brasil e Paraguai abriga crenças e atitudes negativas em relação às trocas comerciais entre os dois países. Transcreve-se o relato do informante 002/5 sobre essa relação entre brasileiros e paraguaios, em cujo discurso é interessante notar como indivíduo (paraguaio) e língua (guarani) são miscigenados:

Eles são uma descendência de gente que a gente não pode se enfiá neles... Paraguai... o guarani, ele não pode se enfiá neles, eu num (inint.). Eu nem no Paraguai num vô passeá, conheço, tive lá umas duas três vezes, mas num vô porque eu sei o que eles fizeram, o que eles são. (002/5).

Outro relato que merece destaque é o do informante de nível médio, quando descreve sua visita à Ponte da Amizade:

INF.- Conviver? Eu acho que paraguaio, né, paraguaio, é. Eu fui muito lá na Ponte da Amizade, também, né, fazer compras, essas coisas, tipo agora, o sistema deles assim, parece se um dos mais ruizinhos assim de compreende e de você, parece que irrita aquela, não sei que língua é mesmo que eles falam, é o guarani, num sei se é o modo de cada pessoa falá, mas o jeito que muitos, principalmente os que eu vi, é muito enjoado, assim parece que num é uma coisa que, eu acho que desde que você não entende, eles já pá e ficam falando só coisas, né? (002/7)

Em relação a aceitar os alemães como vizinhos, 59% admitiram que morariam em um bairro alemão. Por outro lado, 41% atestam que não gostariam de habitar um bairro onde só houvesse alemães. É interessante destacar a crença negativa do informante frente à descendência alemã e do modo de vida desse povo:

[moraria em um bairro onde só houvesse alemães?] Não. Por causa da descendência deles. E cê tem outra, outra, vamo supor, outra nação de gente eles num se acertam, tem que sê o alemão com alemão. Então num... (002/5)

Outros informantes afirmaram que não morariam em um bairro alemão em decorrência da dificuldade de entendimento linguístico:

É aqui eu não compraria com os alemão, não pela pessoa deles, mas se fosse , que eu não... né, eu não tenha saída que nem, né, eu não entendo. (002/12).

Eu acho que o mais distante da minha realidade é o alemão, mas também não acho que eu tenho preconceito, né, por dizer assim que eu não conviveria, se eu tivesse outras pessoas pra conviver, eu não gostaria de morar só num bairro alemão, porque eu acho que daí se eles falassem só alemão eu não ia compreendê-los, né. (002/14)

A etnia italiana obteve 70% do índice de aceitação, uma vez que os informantes afirmam que morariam em um bairro ítalo sem nenhum problema. Porém, 18% dos entrevistados afirmam que não morariam em um bairro italiano. Novamente, nota-se a partir da fala do informante idoso, que língua e falante se misturam:

INF.-... Não.

INQ.- Por quê?

INF.- Por causa da indíoma deles, que tem muitas palavras que num me agrada, quem nem esse... Então, antes de dizê “porco dio”, então diga: “porco...” eles dizem “porco dio” que é Deus, chama Deus de porco e eu já num, então eu num me adapto, eu num adapto muito com eles por causa disso. (002/5)

Por último, tem-se o polonês com 24% de aceitação dentro de Pranchita. Em contrapartida, 6% não morariam em um bairro polaco. Vale destacar que o índice de não *formulação* da questão representa 70% dentro da questão 31-A, em decorrência de essa questão ter sido inserida durante as entrevistas.

5.3.2 Análise B

Ainda dentro do mesmo contexto de perguntas, na qual se objetiva conhecer as atitudes dos falantes relatando situações específicas de convivência entre as etnias, analisam-se as questões: 32 - *Você tem amigos argentinos? Como começou esta amizade?*; 33 - *Você tem amigos paraguaios? Como começou esta amizade?*; 34 - *Você tem amigos alemães? Como começou esta amizade?*; 35 - *Você tem amigos italianos? Como começou esta amizade?* e 35A – *Você tem amigos poloneses? Como começou esta amizade?*

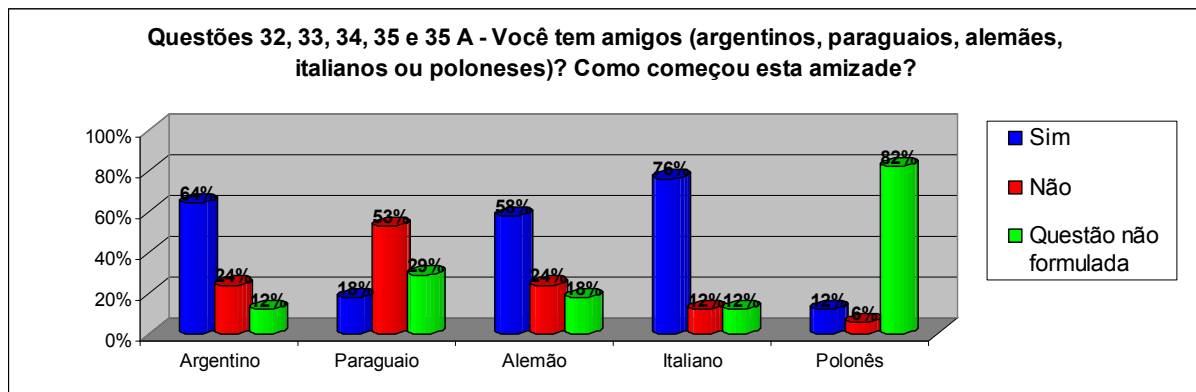


Figura 14 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 32 a 35A

64% dos entrevistados afirmam que possuem amigos argentinos. Nesse item, pode-se destacar que as justificativas para “quando começou essa amizade” versam em casamentos interétnicos realizados entre pranchitenses e argentinos: “Tem os irmão (inint.) meus cunhado que nascero e se criaro lá. (inint.) Mas ela é italiana.” (002/2); “Meu filho mora lá, daí minha nora cada pouco vem com as irmãs dela pra cá” (002/6).

INF.- Começou por causa que tinha um primo meu que morava lá também, pertinho, e daí a mulher dele tinha muito conhecimento com essa gente e de lá nós ia junto, e depois nós num precisava mais dela ir junto, eu ia sozinha, atravessava o Rio Santo Antônio e ia lá visitá,

INQ.- Era fundo?

INF.- Num era muito fundo, até pela cintura assim vinha água onde

que a gente passava se não tivesse água de enchente dava pra passar. Eu ia, gostava, era bom. Elas faziam lá os tererê delas pra nós, era bem bão.

INQ.- Tererê?

INF.- Sim, era bem bão. (002/10)

INF.- Eu acho que... quando a gente era criança nós íamos a pé daqui à Argentina buscar farinha de 5 kg, era tão barato, que nós saíamos daqui até a Argentina era 5 km, nós íamos a pé, aí mais tarde já... a gente cresceu começou a conviver com a juventude de lá inclusive, a prova está aqui, porque tenho duas irmãs que casaram com castelhano, e a gente dentro desse aspecto foi começando a conviver, passeia pra lá, passeia pra cá, vai pra... e deu nisso. (002/17)

Há também o fato, citado pelos informantes para justificar a amizade com argentinos, das relações comerciais realizadas entre eles, como explicitado pelos relatos: “Ah, fazendo compra no mercado, com ela a gente conversando, sabe? Ela é muito bacana, nossa!” (002/4); “No comércio, sempre você ia lá comprar, você ficava lá conversando com eles, acabava trocando umas ideias, conhecia outras pessoas, você acaba fazendo amizade com eles” (002/11).

Apenas 12% acreditam ter amigos paraguaios. O alto índice de 53% que explicitam não possuírem amigos no Paraguai justifica-se pela distância geográfica e cultural entre as duas fronteiras, cerca de 160 km; 58% dos entrevistados afirmam possuir amizades com alemães. Segundo os informantes, essa amizade é decorrente da infância e de relações vizinhas com famílias alemãs, provenientes ainda dos tempos de colônia agrícola:

INF.- Ah, tinha vizinhos lá no pai, no interior a gente morava vizinho. Até minha mãe sempre dizia que eu... convivi muito com uma alemã lá que eu tava falando... toda palavra que eles falavam eu já tava entrando, né. Quando eu tinha cinco, seis anos, sabe? Daí as professoras reclamaram quando eu comecei ir na aula porque eu falava sutaque de alemão, sabe? Daí eles foram embora de lá (risos). (002/4)

INF.- Poucos, muitos começaram na escola, dentro da escola, aqui na escola você tem o contato com o aluno que é de origem alemã, né, e como você trabalha com aluno e envolve a família, você acaba estendendo a sua amizade também com a família, embora a origem é alemão, né. (002/15)

Os informantes (76%) relatam que possuem laços afetivos com os italianos, uma vez que a grande maioria dos pranchitenses é descendente de italianos. Segundo a informante de nível superior, é uma característica do povo italiano a facilidade em fazer amizades:

INF.- Ah, os italianos se aproximam por natureza parece, existe uma força pela maneira de ser, são pessoas muito descontraídas, muito abertas, muito espontâneas. Então elas se relacionam bem facilmente. Se xingam bastante, se abraçam bastante.[...] Eles gritam, eles berram, eles dão risada bastante é todo um clima de descontração. (002/18)

Em relação aos poloneses, 12% dos entrevistados atestam que possuem amigos dessa etnia em Pranchita. Aqui também, vale ressaltar, que o índice de não formulação da questão perfaz 82%.

5.3.3 Análise C

Neste subtópico, avaliam-se três questões voltadas à verificação das atitudes quanto possíveis amizades entre as várias etnias. As perguntas são: 36 - *Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?*; 37 - *Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?* e 38 - *Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?*

A figura 15 corresponde às duas primeiras questões, 36 e 37. Pode-se constatar que 37% dos entrevistados citam os italianos como alguém com quem se pode manter uma amizade sincera, conforme explicitado pelo informante masculino:

Eu acho que as relações são mais próximas com o pessoal aqui do Brasil que é de origem italiana, né, não porque o italiano seja mais... e não porque seja patricio é pela proximidade, pela convivência que você tem com as pessoas no dia-a-dia você... você classifica, hoje eu não classifico alguém como seja sincero ou não pelo idioma que ele fala, mas pelo vínculo, pelos princípios morais das pessoas, né. (002/11)

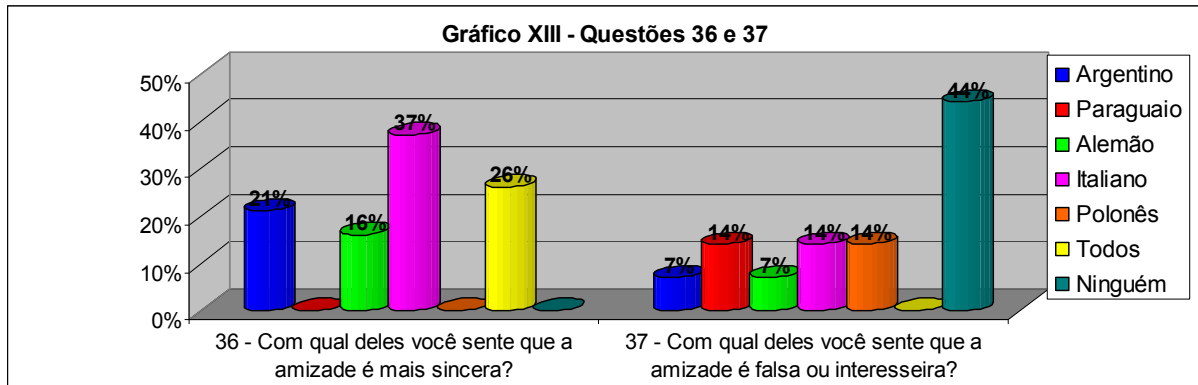


Figura 15 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 36 e 37

Com 26%, podem-se destacar atitudes neutras, ou seja, os informantes relatam que todas as etnias são confiáveis. A amizade argentina foi citada por 21% dos pranchitenses, dos quais uma parte relata que a maioria das amizades procede das trocas comerciais: “Que você vai lá e eles não fazem aquela diferença, sabe? Não tem aquela... eu acho. Tê rivalidade em jogo de futebol (risos), fora daí...” (002/4).

Já a amizade alemã ficou com o menor índice de aceitação: 16%. É interessante observar que os pranchitenses com idade entre 18 e 30 anos acreditam ser a amizade alemã a mais sincera, mas que os alemães são bons amigos apenas entre eles:

Porque talvez seja por causa de, de guerra, né, essas coisas, o pessoal é mais unido, talvez eles, que todo mundo guerreou, né, mais eles, então eu acho que isso daí já vem de família uma coisa, né, mais eu diria que eles seriam amigos deles, né, dos alemães com os alemães, não nós com eles. (002/7)

Com o intuito de observar atitudes negativas, solicitou-se então que os entrevistados dissessem: 37 - *Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira?* Como se pode notar na figura 15, o maior percentual (44%) cita que “ninguém” ou nenhuma das etnias é falsa ou interesseira. Exemplificado pelo gráfico, verifica-se que as demais respostas ficaram próximas uma das outras.

O paraguaio obteve 14% de citações como detentores da pior amizade. O informante justifica tal resposta mencionando a relação comercial entre Brasil e Paraguai:

INF.- Espanhol do Paraguai.

INQ.- Não dá pra confiar?

INF.- Não. Porque a gente tem uma visão assim do Paraguai, uma visão diferente do que aquilo que nós estamos acostumados aqui no Brasil, lá a organização comercial, a gente vê ali no Paraguai, as ruas, questão ambiental deles, então eu acho que num... se fosse pra levar pro lado pessoal, eu imaginaria que eles, claro que com exceções, né, com exceções que eles seriam assim. (002/15)

Também com 14% das ocorrências, o italiano foi tido como um amigo ruim, pouco confiável, embora os informantes não citem os motivos de tal desconfiança.

Com 14%, o polonês foi apontado como alguém não confiável sob a alegação de que se mostra como uma etnia “desconfiada, arisca” (002/6). Os argentinos, ao lado dos alemães, com 7%, cada um, também são tidos como amizades não confiáveis.

A questão de número 38 pretendia verificar se os informantes já haviam se desentendido com algumas pessoas das etnias presentes na cidade. Os dados apontam que 94% nunca brigaram ou se desentenderam com ninguém dentro da localidade. Apenas um informante (6%) afirma que já se desentendeu, porém, afirma ele, o motivo foi banal.

5.3.4 Análise D

Seguindo a mesma estrutura das demais questões que visam a identificar as atitudes dos moradores de Pranchita, coletaram-se as respostas para as seguintes perguntas: 39 - *Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a)? Por quê?*; 40 - *Você namoraria ou se casaria com um(a) paraguaio(a)? Por quê?*; 41 - *Você*

namoraria ou se casaria com um(a) alemão(ã) Por quê? e 42 - Você namoraria ou se casaria com um(a) italiano (a)? Por quê?

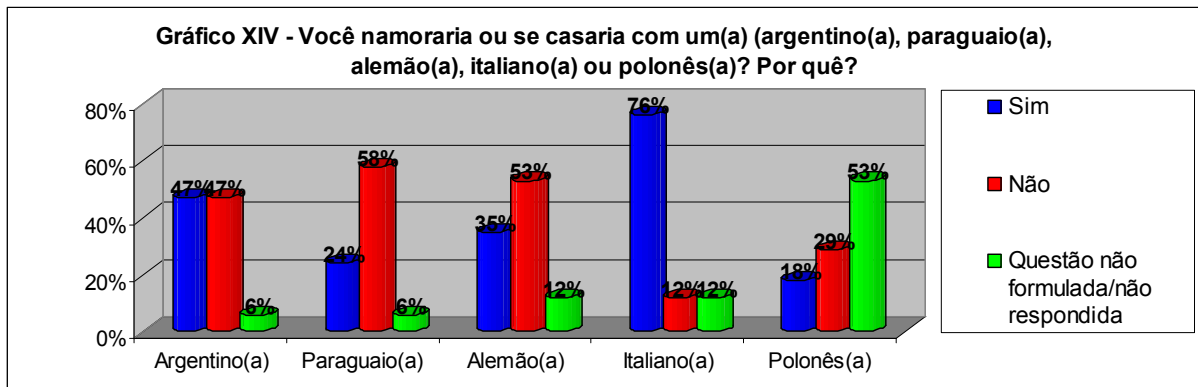


Figura 16 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 39 a 42

Como se pode perceber, os argentinos/argentinas obtiveram 47% das intenções de casamentos e também 47% dos informantes relatando que não se casariam com essa etnia. Os motivos para o não casamento são fornecidos pelas mulheres: “É, por causa do idioma também, tudo... e a fama deles namorador (risos).” (002/4); “Porque, ah sei lá, o tipo deles de vivê é muito diferente do nosso” (002/8).

O informante masculino defende o casamento entre ele e uma argentina desde que não haja rivalidade no futebol:

INF.- Se ela torcesse pela seleção brasileira, sim. (risos) Ela tinha que dizer que o Pelé é melhor que o Maradona e tinha que torcer pela seleção. É eu acho que hoje você, a nacionalidade, você... qualquer pessoa para você casar com a pessoa, pra você ter um, relacionamento para a vida toda independe do idioma que ela fala e sim depende de uma série de fatores e fatos que vai saber que você vai conviver..., depende dos princípios daquela pessoa depende de uma série de... (002/11)

Já paraguaio/paraguaia obteve o maior índice de rejeição à possibilidade de casamentos interétnicos: 58%, mas os motivos dessa aparente rejeição não foram justificados pelos pranchitenses.

53% alegam que não se casariam com um alemão, embora nenhum dos informantes quisesse justificar sua resposta.

Os italianos obtiveram o menor índice, 12%. As justificativas para o alto índice de aceitação de casamentos com italianos (76%) versam sobre a própria questão da descendência, uma vez que os informantes já possuem o tato com os italianos e não teriam dificuldades em casar com algum deles:

Dexando fora os brasileiro... Ah, eu fico com o italiano que daí meus pais eram, já conheço melhor (risos). (002/4)

INF.- Porque o italiano é, ele é sempre foi assim, eu acho eles muito sincero, eles são teimoso, mas são sincero.

INQ.- Se tiver que falar, não importa, doa a quem doer.

INF.- É mais nem que, nem que racha, mas é como eles querem, como eles acham que é o certo. (002/12)

Os poloneses foram citados por 29% dos informantes como uma etnia com a qual não manteriam um relacionamento amoroso. Entretanto, é importante ressaltar que o índice de questão não formulada gira em torno de 53%.

5.3.5 Análise E

A última análise versa sobre as questões: 43 - *Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um argentino? Por quê?*; 44 - *Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um paraguaio? Por quê?*; 45 - *Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um alemão? Por quê?*, 46 - *Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um italiano? Por quê?* e 46A – *Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um polonês? Por quê?*

Por meio dessas questões, pretendeu-se averiguar até que ponto os informantes podem manter atitudes neutras quando o assunto é a própria saúde. Os dados demonstram:

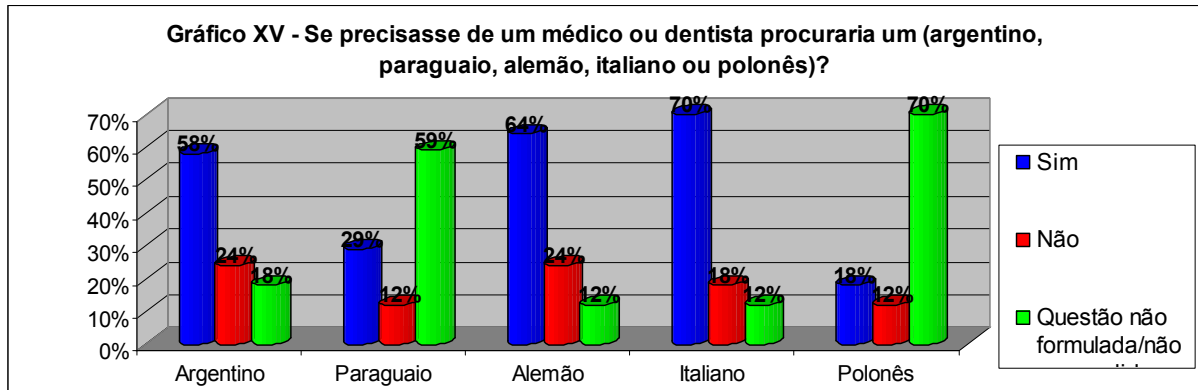


Figura 17 – Atitudes linguísticas dos pranchitenses, questões 43 a 46A

58% dos informantes relatam que iriam tranquilamente a um médico argentino, uma vez que isso é prática comum entre os pranchitenses, como demonstrado em alguns relatos:

INF.- Sim, eu fiz uma ultrassom da vesícula, lá [Argentina], porque a gente não paga, e aqui é oitenta reais, e na Argentina a gente não paga, eu fiz com o documento da minha nora, lá, eu tinha pedra na vesícula, fui lá fiz, Bom que entendi tudo que ele falou na hora lá, só que depois cheguei em casa não sabia explicar, é tão ruim sê esquecida, eu não sei se é o que tem na cabeça, se por causa que era muito doente, de depois tem o câncer, tem dia que eu tô fraca da mente, eu fico fraca, ele faz assim, ele escreve no quadro negro o que eu sei lê, né, a senhora leu? Li. Daí ele apaga, eu não sei mais o que que é. (002/6)

INF.-Sim tinha uma... uma médica argentina, que falava (inint), aqui na região mesmo.

INQ.-Que ela era o quê?

INF.-Argentina.

INQ.-Argentina. Então a senhora já, e a senhora vai com ela, não tem problema nenhum,

INF.-Sim. (002/12)

Neste relato, pode-se notar que existe reciprocidade entre a medicina argentina e a brasileira:

INF.- Também. Inclusive a minha irmã um dia veio passear, com quatro netos dela por aqui, e numa brincadeira uma fraturou o braço, Argentina, sem dinheiro [...] e ela veio e não fez nada e a menina fraturou o braço. Fomos no hospital aqui, daqui nos encaminharam

pra Beltrão, direto, e a minha irmã desesperou, meu Deus do céu eu sou argentina vou fazer o quê? Só que o médico de Beltrão foi o mesmo médico que fez a minha cirurgia de prótese de quadril. E daí a minha irmã disse: “Doutor, eu não tenho dinheiro, eu sou argentina não sei se o senhor pode me tratar”, o médico disse: “Eu não tô perguntando se você é argentina, eu não tô perguntando se você tem dinheiro, eu quero tratar sua filha”, pronto, e ficou lá no dia e noite, no outro dia de manhã cedo fizeram a cirurgia, ela fez foi embora, dali sessenta dias voltou, tirou o pino do braço que o médico colocou pra ela, tu precisava ver assim, então é uma coisa que eu acho que eu acho que em todos os momentos tinha que ser assim, uma, uma tipo uma com.... como é que é... **um tratamento fraterno.**

INQ.- Comunhão, né?

INF.- Exatamente. Bom o pessoal daqui que precisa fazer uma ultrassom de gravidez faz na Argentina. [...] Aqui é 80 lá eles cobram 25, 30 uma coisa assim. O pessoal de lá que tem problema de... mais complicado que não tem hospital grande, vem todos pro Brasil e são atendidos do mesmo jeito. (002/17)

Quanto à consulta com médicos paraguaios, 29% dos pranchitenses afirmam que a fariam, que não têm preconceito com a etnia, mas 12%, ao contrário, afirmam que não seriam pacientes de médicos paraguaios.

Para uma consulta com médico alemão, os pranchitenses responderam favoravelmente, num índice de 64% das respostas. Esta alta porcentagem favorável ao médico alemão está atrelada à crença que de esse seja um povo “inteligente”, como atestado pela informante, na faixa etária de 31 a 50 e de nível médio de escolaridade:

INF.- Porque o alemão ele não é da maldade, ele pode vê uma pessoa, começou essa história ponha a manguinha pra fora, anda de, de calça, essas coisa veio tudo da raça alemão, né? Pelo menos aonde que, que nós morávamos na época, que eu tinha 13 anos que começou, começaram a primeira vez começaram usar calça as mulher, ele discriminavam muito que foi as alemoa de lá que usaram lá no lugar onde que nós morávamos, então eu acho por ser assim que não levam as coisa pela maldade eu ia com os alemão.

INQ.- Com os alemães? Porque eles não levam na maldade?

INF.- Eu acho que não.

INQ.- A senhora confiaria a saúde da senhora, pro alemão?

INF.- Eu sim. E por cima eles são muito inteligentes. (002/10)

O maior índice de confiabilidade é atribuído ao médico italiano: 70%, conforme também atestado pelas questões anteriormente analisadas. Esses altos percentuais de atitudes em relação à etnia italiana são corroborados pelo próprio contingente migratório/imigratório proveniente do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. ²⁷ Estes dois Estados, por sua vez, receberam, em sua maioria, imigrantes provenientes da Itália.

Por último, a ida a um médico polonês obteve 19% do percentual de pranchitenses, e 12% não iriam a um médico polonês.

As análises apresentadas nesse capítulo apontam que as atitudes, assim como as crenças anteriormente descritas, são positivas para o italiano e argentino; negativas para o alemão. Houve, também, percentual significativo de atitudes negativas destinadas aos paraguaios.

Pode-se evidenciar que as atitudes linguísticas dos indivíduos para com as demais etnias são pautadas, primeiramente, em suas crenças sobre esse outro e, posteriormente, essas avaliações são fundamentadas nas características sociais e no status que esse indivíduo representa dentro da comunidade. Em outras palavras, a língua é avaliada de acordo com as características sociais de seu falante.

²⁷ Segundo as Fichas, preenchidas junto aos 17 informantes, 73,5% dos pais dos informantes eram gaúchos e 16,1% eram catarinenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises permitem tecer algumas considerações. Inicialmente, o comportamento linguístico dos entrevistados não demonstrou atitudes estritamente negativas em relação aos diferentes falares dentro de Pranchita. Tais atitudes podem estar ligadas ao componente conativo, defendido por López Morales (1993), ou seja, as tendências de atuar de diferentes formas de acordo com o contexto no qual está inserido, neste caso, a situação de entrevista. Por outro lado, podem evidenciar crenças e atitudes positivas do povo pranchitense no que se refere aos diferentes povos presentes na localidade.

Por meio das análises, pôde-se constatar que os principais grupos étnicos presentes em Pranchita são os italianos, os alemães e os poloneses, com predomínio de descendentes de italiano na região. Esse fato também foi atestado por Diégues Jr. (1963), quando afirma que o imigrante italiano vindo para o Brasil soma mais de cinco milhões, perdendo apenas para os portugueses.

Foi possível identificar quatro ²⁸ tipos de atitudes positivas dentro de Pranchita: a) apreço à língua dos ancestrais, sentimento de pertencimento relacionado à etnia, sem que, com isso, haja rejeição aos costumes e à língua brasileira; b) atitude de aceitação, sem maiores restrições à língua e à cultura do Brasil; c) atitude de “tentativa” de manter os valores e as línguas dos antepassados; e d) atitudes muito positivas em relação ao país vizinho, Argentina, e ao seu idioma.

Durante as análises quantitativa e qualitativa, ficou evidente o sentimento dos informantes de pertencimento em relação aos pioneiros daquela terra, provenientes de outros países e, com isso, uma noção de pertencimento aos grupos que migraram para o Brasil. É unânime, porém, que nenhum dos informantes manteve a língua de origem de seus antepassados, exceto por algumas expressões de cumprimento. Tal fator pode estar atrelado ao Decreto-Lei 383/38 (BRASIL,

²⁸ Confortin (2001), em seu trabalho sobre línguas de contato em uma pequena localidade do Rio Grande do Sul, identificou três atitudes nos falantes, a saber: 1) atitude de apego à língua materna; b) atitude de adoção da cultura e da língua brasileira, atitude esta que parece vir acompanhada de um sentimento de inferioridade pela cultura materna, que se manifesta em atitudes como não querer falar a língua materna; c) atitude direcionada a conservar o que pode dos valores da cultura materna, ao mesmo tempo em que cultua a língua e a cultura brasileira.

1938), que proibia os imigrantes de falar em sua língua materna, uma vez que os relatos coletados demonstram claramente como esse fator repercutiu nas famílias imigradas e na não manutenção de sua língua.

Observa-se uma aparente frustração pela não manutenção da cultura ancestral. Para compensar esta lacuna, Pranchita organiza festas típicas, principalmente italianas, com comidas, danças e músicas, na tentativa de conservação dos principais traços culturais, mesmo que o principal deles – a língua – já tenha se perdido.

As crenças são extremamente positivas quanto à língua portuguesa falada no Brasil, tida como a mais bonita ²⁹ dentre todas as citadas pelos informantes (italiano, alemão, espanhol, polonês). Isso leva a considerações interessantes quanto ao fator *desenraizante*, ou seja, quando o imigrante é obrigado a perder as suas raízes para adaptar-se à nova realidade. No que concerne ao imigrante, quando inserido em uma realidade linguística distinta, ele não necessariamente possui crenças negativas em relação à nova língua, principalmente quando essa nova língua lhe dá, na nova pátria, oportunidades que a antiga não lhe oferecia.

O acesso à terra é, para o imigrante, a possibilidade de ascensão social; conseqüentemente, o falante desenvolve crenças positivas quanto ao novo país, logo, a língua materna do local que os acolheu será aprendida e valorizada.

Percebeu-se o contrário das expectativas iniciais, fundamentadas no trabalho de Amâncio (2007), que Brasil e Argentina possuiriam crenças negativas em relação um ao outro. O imaginário de rivalidade entre as duas nacionalidades existente no restante do Brasil, principalmente em relação ao futebol, foi refutado por meio dos dados e não foi expresso pelos informantes pranchitenses.

Os dados analisados sobre as crenças e atitudes em relação aos argentinos foram muito positivos, demonstrando que ele é tido como alguém que fala melhor (37%) e que possui a língua mais bonita (31%), perdendo apenas para a língua portuguesa (38%).

As boas relações entre Pranchita e San Antonio são decorrentes da colonização das cidades, em cujo processo o argentino participou ativamente. Outro fator a ser destacado refere-se ao comércio realizado entre as duas localidades: os

²⁹ Questão de número 20.

pranchitenses vão aos mercados argentinos; os argentinos, por sua vez, utilizam o sistema de saúde brasileiro.

Ainda pode-se citar que o bom relacionamento entre pranchitenses e argentinos é decorrente de casamentos interétnicos realizados. Por vezes, os informantes citaram que o(a) irmão/irmã é casado(a) com argentino/argentina. Tal fato faz com que as crenças negativas, se existentes, sejam amenizadas, uma vez que a relação de parentesco faz com que as duas nacionalidades convivam em harmonia.

Por outro lado, verificam-se crenças negativas relacionadas ao idioma alemão dentro da localidade, pois os informantes relatam *dificuldades* em interagir com os alemães uma vez que são *reservados* e a língua alemã é de difícil compreensão. Os dados apontaram que o alemão é tido como alguém que fala pior (30%) e como a língua mais feia (33%).

Tais crenças negativas frente ao falar alemão podem estar relacionadas à forma de organização da família teuto-brasileira, fundamentada nas tradições provenientes da Alemanha, cujos membros mantêm-se em colônias afastadas de outras etnias e, conseqüentemente, mantêm-se mais reservados.

Em suma, a pesquisa etnográfica, na qual se busca, por meio da visão do informante, descrever as possíveis crenças e atitudes de dada realidade, expõe o pesquisador aos percalços de uma análise puramente interpretativista e, às vezes, errônea, levando em consideração que o falante possui tendência a determinadas reações de acordo com o contexto situacional, no caso, a própria entrevista.

REFERÊNCIAS

ABREU, Raphael Lorenzeto. Paraná, município de Pranchita. **WIKIMÉDIA COMMONS**, nov. 2006. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_Municip_Pranchita.svg>. Acesso em: 7 fev. 2010.

AGHEYISI, Rebecca; FISHMAN, Joshua. Language attitude studies: a brief survey of methodological approaches. **Anthropological Linguistics**, n. 12, p. 137-157, 1970.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora Federal Fluminense EdUFF, 2008. p. 311-333.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo**: abordagem prévia. 1979. 226p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000056349>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As cidades trigêmeas**: um estudo sobre atitudes lingüístico-social e identidade. 2007. 105p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000420929>>. Acesso em: 1 out. 2010.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a idéia do não-sotaque**. 2002. 83p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000242103>>. Acesso em: 1 out. 2010.

BEM, Daryl Jay. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. **Bilingüismo de dialeto italiano-português**: atitudes lingüísticas. 2006. 154p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-01-18T121716Z-72/Publico/Dissertacao%20Maria%20Cristina%20Z%20Bergamaschi.pdf>. Acesso em: 1 out. 2010.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas quanto ao uso dos róticos. In: **Signum Estudos da Linguagem**. Revista do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. N° 12/1 Julho de 2009. Londrina: EDUEL, 2009, p. 85-102. [Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4181/4596>>].

BRASIL. Decreto-Lei nº 383, abril de 1938. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1938. [Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Decreto_Lei_do_Brasil_383_de_1938#Art._2.C2.BA>].

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. [Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>].

CHRISTIANS, Clifford G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. e col. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Trad. Sandra Regina Nertz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 141-162.

CONFORTIN, Helena. Atitudes lingüísticas de falantes bilíngües. **Revista do Instituto de Letras PUC Campinas**, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 123-135, 2001.

DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. e col. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Trad. Sandra Regina Nertz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIÉGUES JR., Manuel. **Etnias e culturas do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

FISHMAN, Joshua. **Sociologia del Lenguaje**. 4. ed. Trad. Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno. Madrid: Cátedra, 1995.

GÓMEZ MOLINA, José R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia. **Anejo n. XXVIII dela Revista Cuadernos de Filología**. Valencia: Universitat de Valencia, 1998a. p. 11-109.

GÓMEZ MOLINA, José R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: **Actas del XI Congreso ALFAL**. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1998b. Tomo II. p. 1027-1042.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Contagem da população 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

KRÜGER, Nivaldo. **Sudoeste do Paraná**. História de bravura, trabalho e fé. Curitiba: Positivo, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, Wallace. A social psychology of bilingualism. **Journal of Social Issues**, n. 23, v. 2, p. 91-109, 1967.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LEITE, Cândida Mara Brito. **Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco**. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000318505>>. Acesso em: 1 out. 2010.

LENARD, Andrieta. **Lealdade lingüística em Rodeio (SC)**. 1976. 279p. Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. (Resumo)

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993. p. 231-257.

MORALIS, Edileusa Gimenez. **Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas**. 2000. 100p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. [Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000215182>>. Acesso em: 1 out. 2010.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

ORSI, Laura. Estereotipos y actitudes: similitudes y diferencias. **Anais del XV Congresso ALFAL**. Montevideo. Del 18 al 21 de agosto 2008. 1 CD-Rom.

PARCERO, Lucia Maria de Jesus. **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças.** 2007. 192p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000431742>>. Acesso em: 1 out. 2010.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?** 2009. 135p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

PENNA, Mauro. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 89-112.

RAMOS, Jânia Martins. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, a. 5, n. 5, v. 1, p. 103-125, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/05-Jania-Ramos.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANCHES, Rosely Áurea Soares. **Fotografias sociolingüísticas sob a óptica das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.** 2006. 173p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

SANTOS, Emmanoel. **Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SILVA, Greize Alves da. Crenças e atitudes linguísticas de falantes da região sul paranaense. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALTINO, Fabiane Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores.** Londrina, 2009. v. 1. p. 01-13. 1 CD-Rom.

SILVA, Helen Cristina da. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert.** 2010. 71f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español.** Washington D.C.: Georgetown University Press, 2001. p. 60-67. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=jvle0-Qu32wC&printsec=frontcover&dq=Silva->

Corval%C3%A1n,+Carmen+y+Andr%C3%A9s+Enrique-
rias&cd=1#v=onepage&q=&f=false>. Acesso em: 15 mar. 2010.

VIDICH, Arthur; LYMAN, Stanfor. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. e col. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Trad. Sandra Regina Nertz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 49-90.

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. **Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Lítero Técnica, 1985.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CINTRA, Lindley. **Estudos da dialectologia portuguesa**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1995.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. Validity and reliability. **Research Methods in Education**. 4. ed. Lundu; New York: Routhedge, 1994.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1. Objetiva, 2001. 1 CD-Rom.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e influências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. e col. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Trad. Sandra Regina Nertz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

APÉNDICE

APÊNDICE A – Instrumento de pesquisa utilizado na coleta de dados

PROJETO CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS DE CONTATO

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

Ponto/Localidade: 02- PRANCHITA

Entrevistadora: _____

Data: _____

Informante: _____ n.º _____

Idade: ___ anos

Escolaridade:

Natural de _____

Naturalidade dos pais: _____

- 01 Que língua você fala?
- 02 Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
- 03 - Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
- 04 - Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?
- 05 - Aqui em Pranchita existem pessoas que falam diferente de você?
- 06 - Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol argentino, espanhol paraguaio, italiano, alemão).
- 07 Poderia dar um exemplo do espanhol argentino?
- 08 - Poderia dar um exemplo do espanhol paraguaio?
- 09 - Poderia dar um exemplo do alemão?
- 10 - Poderia dar um exemplo do italiano?
- 11 – Comparando essas línguas: argentino, paraguaio, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?
- 12 - E quem fala pior? Por quê?
- 13 -Em que lugares você ouve esta(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?
- 14 Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
- 15 Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
- 16 Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
- 17 Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?

- 18 Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?
- 19 Essas línguas são feias ou bonitas?
- 20 Qual é a mais bonita?
- 21 E a mais feia?
- 22 Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Pranchita?
- 23 Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?
- 24 A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?
- 25 Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?
- 26 Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?
- 27 Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?
- 28 Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios, você compraria?
- 29 E se lá só morassem alemães, você compraria assim mesmo?
- 30 E se lá morassem apenas italianos, você compraria assim mesmo?
- 31 Você tem amigos argentinos? Como começou esta amizade?
- 32 Você tem amigos paraguaios? Como começou esta amizade?
- 33 Você tem amigos alemães? Como começou esta amizade?
- 34 Você tem amigos italianos? Como começou esta amizade?
- 35 Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?
- 36 Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?
- 37 Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?
- 38 Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino (a)? Por quê?
- 39 Você namoraria ou se casaria com um(a) paraguaio (a)? Por quê?
- 40 Você namoraria ou se casaria com um(a) alemão (ã)? Por quê?
- 41 Você namoraria ou se casaria com um(a) italiano (a)? Por quê?
- 42 Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um argentino? Por quê?
- 43 Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um paraguaio? Por quê?
- 44 Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um alemão? Por quê?
- 45 Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um italiano? Por quê?
- 46 Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Pranchita, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?
- 47 Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?

Duração da entrevista: ____ minutos

ANEXOS

ANEXO A – Marco da Fronteira Brasil-Argentina

ANEXO B – Festas Típicas em Pranchita



Grupo de Dança do CTG "Caçula da Fronteira"

Encontram-se aqui etnias diversas, compondo um novo cenário cultural no Paraná.



Grupo de Danças Italiano



Coral Italiano



Da esquerda para a direita: deputado estadual Nelson Meurer; prefeita em exercício Iva Maggani; Chefe da Casa Civil Caio



Fonte: KRÜGER, 2004